

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO X

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1923

Nº 119

Grupo mantenedor:

Bertholdo Klinger — Presidente de Honra,
Nilo Val, Paes de Andrade e A. Pamphiro, (redactores),
Orozimbo Pereira (Thezoureiro), E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra,
Lima e Silva, Parga Rôdrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,
Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brazilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca, C. de Abreu, Sylvio Scheleder e Alcides M. Lima.

SUMMARIO

	Pgs.	
Exército e Marinha.....	757	Redacção
A chimica na guerra moderna.....	758	Tenente B. de Carvalho
Defesa e ataque das localidades.....	760	Tent. Coronel Barraud
O effectivismo corrosivo.....	762	Cap. L. Correia Lima
Palestras technicas.....	765	Major Paes de Andrade
Policia Militar.....	767	Capitão Albino Montelro
Artilharia nos postos avançados.....	769	Capitão Sílio Portalla
A questão dos capellães.....	772	Capitão A. Pamphiro
Serviço de subsistencia em campanha.....	773	Ten. Col. A. Faria Correia
Pontoneiros em acção.....	775	Tenente Lima Figueiredo
Um esquadrão de cavallaria em desco- berta.....	778	Tradução
Escola de tiro para a Artilharia de Costa.....	784	Capitão Francisco Fonseca
Resumo da Guerra do Paraguay.....	786	Capitão Nilo Val
Factos & Notas.....	789	
Bibliographia.....	793	
Expediente.....	793	

OLIVEIRA ANDRADE & C^a

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,
Tintas, Oleos,
Louças, Cutelarias,
Materiaes para Construcção,
etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio: Norte 7664

Armazem: Norte 7787

RIO DE JANEIRO

Acaba de sair:

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
« fóra do texto »

Preço (livre de porte) } em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

"A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827"

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pag. se acha á
venda nas livrarias: "Scientifica Bra-
zileira" á rua S. José n. 114 — "Cruz So-
brinho" á mesma rua n. 82 — "Leite Ri-
beiro" á rua Bittencourt da Silva,
"Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas
principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livra-
rias:

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

POR

Amilcar Salgado dos Santos

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exército Argentino, a proposito
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) —	
pelo Capitão Nilo Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata	
— pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar	
do Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra —	
pelo mesmo.....	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Qui-
tanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 119

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1923

Anno X

Exercito e Marinha

Se algum dia, hypothese antipathica, mas possível, o Brasil houver de medir forças com qualquer potencia estrangeira, terá de fazel-o mediante o emprego constante de suas forças de mar e terra conjugadas, pois que não é apenas o bom-senso que nos indica isso, mas a propria observação dos factos do passado, entre os quaes não podemos esquecer a campanha do Paraguay.

Essa convicção mais se firmará ainda, se atirmos um golpe de vistas, mesmo rapido, sobre a situação geographica do paiz e a escassez de vias de comunicação entre os differentes Estados, o que torna um problema de alta monta o auxilio reciproco entre elles ou a convergencia de esforços para uma zona.

Mas, a simples juxtaposição desses dois departamentos — marinha e exercito — no momento preciso, não resolverá o problema, e antes até fará com que avultem os attrictos já naturaes em todas as crises agúdas, principalmente as da guerra, que constituem geralmente questões de vida ou de morte.

Reservar para o momento da crise as cogitações sobre o assumpto, na enganosa esperança, aliás tão do agrado brasileiro, de que o Acaso resolverá o problema com benevolencia ou van-

tangens para nós, seria um desastre de consequencias incalculaveis, mas que se deverá considerar desde já como terrivel, dado o caracter das guerras modernas, em que não apenas as tropas, mas as nacionalidades inteiras se engolpham com todas as suas energias.

Será preciso, portanto, harmonisar de ante-mão as tropas de mar e terra, dando-se-lhes uma mesma doutrina de guerra, um mesmo methodo, uma mesma maneira de considerar os problemas militares e um perfeito conhecimento umas das outras, para que se possam auxiliar ou completar, como é preciso.

Mas será isso possível quando se entregar a instrução do Exercito a uma missão allemã ou franceza e a da Marinha a uma missão japoneza ou norte-americana?

Certamente que não. Raças antagonicas inocularão, naturalmente, predicaos antagonicos, creando caracteres que jámais poderão confundir-se n'um mesmo ideal, agindo harmonicamente para um mesmo fim.

Ora, se bem que a tactica e a estrategia sejam conjunctos de principios verdadeiros para todos os povos, pois que não resultam da vontade ou phantasia dos homens, mas sim da propria natureza das cousas, nem por isso dei-

xam ellas de soffrer, em sua applicação, as influencias caracteristicas de cada povo e de cada territorio, sem contar com outros factores de notavel valimento e que terão de entrar na discussão dos casos particulares.

Não será, pois, indifferente entregar a uma ou a varias raças o preparo militar de um paiz, e muito menos de um

paiz novo e assoberbado na solução de centenas de problemas, cada qual mais complexo, e de maior importancia.

Modestas sentinellas, que somos, da segurança do Brasil, ahí fica o nosso grito de alarme, que oxalá seja escutado pelos responsaveis maiores e em cujas mãos se acham as nossas esperanças de garantia.

A CHIMICA NA GUERRA MODERNA

AVIAÇÃO E GAZES

... Si isto continúa assim, os explosivos poderão ser supprimidos na aviação, porque se obterão melhores resultados com os gases,...

(Da conferencia realizada pelo az francez Cap. René Fonck no Circulo Militar Argentino, em 9-10-922).

Tratamos por primeiro, no numero anterior desta Revista, do emprego dos gases na Artilharia, porque em nenhuma outra arma foi até agora tão intenso o seu uso; hoje trataremos dos gases na Aviação, porque esta vae ser a que mais os utilizará de futuro. Entre taes extremos, porém, o estudo que posteriormente faremos dos gases na Infantaria, na Cavallaria e na Engenharia não terá o seu valor em nada diminuido.

* *

Não ficou provado que durante a lucta européa os belligerantes tivessem se servido de gases nos seus aviões de bombardeio; fallou-se apenas que aeroplanos allemães, em junho de 1918, deixaram cahir sobre os inglezes, perto de Flicheux, bombas carregadas com arsinas (esternutatorios); mas, também ainda hoje se diz que, quando sobreveio o armistício, os aviadores americanos iam lançar sobre Metz bombas de gaz mostarda ou yperite.

Na proxima guerra, porém, os gases constituirão o meio normal de combate de que se servirão os aviões e como, no publico vaticínio do grande sabio Thomas Edson, «Os gases e os aeroplanos serão os seus factores decisivos», é esta conjugação bellica que mais deve merecer cuidados e attenção

da parte dos Estados-Maiors, na organização de seus futuros planos de campanha.

A mais poderosa peça de artilharia tem o alcance limitado a poucas dezenas de kilometros, enquanto que um aeroplano qualquer tem seu raio de acção de muitas centenas de milhas; por sua vez, a maior carga toxica até hoje empregada em projectil de canhão não ultrapassou 16 kilos (obuz allemão «cruz verde ordinaria», de calibre 210 m/m, carregado com chloropicrina e chloroformiato de methyla trichlorado, a 50 % de cada), enquanto que uma bomba de avião pôde conter até uma tonelada de gaz, cuja persistencia pôde renovar, por semanas a fio, effeitos muito maiores que os que pudesse produzir, em determinado local, uma supposta carga decupla de fortissimo explosivo.

Os estudos e experiencias feitos depois de 1918 confirmaram que o aeroplano é o melhor meio para utilização dos gases na producção de nuvens locais, bem como na formação do chamado «orvalho da morte», que tanto serve para *interdictar* as estradas e cruzamentos, de travessia obrigatoria pelo inimigo, ou seus pontos de provavel estacionamento, como para *infeccionar* as zonas por elle occupadas, constrangendo-o a evacual-as.

ATAQUE DE GAZES POR MEIO DE AVIÕES

Dous são os processos :

1.º — *Lançamento de bombas de carga variavel no meio do inimigo, quando não ha vento; ou na sua visinhança e retaguarda, relativamente ao sentido do vento, quando este sopra na direcção do atacado com velo-*

cidade maxima calculada em 5 metros por segundo.

As bombas, ao cahirem, explodem contra o alvo, formando densa nuvem que envolve logo os occupantes da posição atacada, ou então, levada pelo vento, vae varrer o sitio em que se encontram, não dando tempo a medidas de protecção, causando baixas e desordens temporarias, quando não chega a matar logo em massa e a aniquillar, pelo panico despertado, o moral colectivo das tropas attingidas.

2.º — *Lançamento directo de liquido vesicante, toxico ou simplesmente lacrimogenio*, de densidade sufficiente, que, cahindo em filete, de um reservatorio adaptado ao avião, por um orificio de sahida situado atraz, mas na direcção do eixo do aparelho, é mecanicamente reduzido a gotticulas pela resistencia do ar e, qual inoffensiva garôa, desce sobre a terra, molhando toda a superficie que lhe embarga a queda.

Além da humidade deleteria que vae deixando ficar na athmosfera á proporção que cae, o «gaz» assim esparzido, em geral praticamente insolunel na agua, vae mui lentamente se desprendendo do sólo, por evaporação, tornando assim por muitos dias infeccionadas, devido ás emanações de cada momento, as zonas que contaminou.

EFFEITOS DO LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Bombas — Os effeitos são os mesmos que os dos projectis congeneres de artilharia, mas augmentados em muito de intensidade e de duração, abrangendo ao mesmo tempo, maior superficie, devido á maior capacidade útil de que, sob igual volume, dispõem.

A natureza do gaz empregado faz tambem variar, para bombas de um mesmo peso, a extensão dos effeitos em actividade, tempo e area.

Infelizmente só conhecemos os resultados experimentaes referentes a dous gazes e a dous typos de bombas: as conclusões delles decorrentes, quando a velocidade maxima do vento não excede 5 metros por segundo, resumem-se no seguinte:

Bombas de 25 e 50 libras (americanas) carregadas com *chloracetophenone* (gaz que não chegou a ser usado na guerra europea), na proporção de 10% para 90% de tetrachloreto de carbono (solvente), podem cobrir uma area approximada de ms. 100×500 ou sejam 50.000 metros quadrados e exercem

uma acção terrivelmente lacrimogenia, durante um periodo de tempo que varia de 1 hora a 1 dia, conforme se tratar de campo aberto ou de terreno cheio de anfractuosi-dades, de bosques ou de habitações ar-ruadas, etc.

As de 50 libras, mas com *cyaneto de bromobenzyla*, exercem sobre cerca de ms. 100×200 ou 20.000 metros quadrados, além de effeitos toxicos semelhantes aos do chloro, uma acção mais lacrimogenia que qualquer dos seus similares usados na grande guerra e que pôde se fazer sentir, conforme a topographia do local, durante um periodo que varia de 3 a 7 dias.

Com essas indicações, que se referem a um gaz não persistente e a outro persistente, se podem deduzir os effeitos a serem obtidos com o emprego tactico de um determinado gaz, lançado de um aeroplano por meio de bombas.

Ora, como se sabe, um avião moderno pôde transportar até 2 toneladas de bombas; suppondo-se todas de 50 libras ou mesmo só de 22 kilos exactos, teriamos a possibilidade de um só aparelho atacar $90 \times 50.000 = 4.500.000$ metros quadrados com um gaz não persistente ou $90 \times 20.000 = 1.800.000$ metros quadrados com um persistente; d'onde, uma esquadilha de 50 aeroplanos poder, theoricamente, infeccionar para muitas horas ou mesmo muitos dias, uma zona de 225.000.000 ou de 90.000.000 de metros quadrados !...

Esparsimento de liquidos — São empregados sempre gazes persistentes. Os effeitos são semelhantes aos que resultariam de um grande e intenso bombardeio, com um consumo de gaz muitas vezes maior. Quando é feito para interdictar estradas ou pontos obrigatorios de passagem ou de estacionamento posterior do inimigo e quando o gaz empregado foi previamente desodorado, a insidia que resulta, pela apparencia inoffensiva do terreno, faz com que se produzam verdadeiras hecatombes.

Experiencias realizadas mui recentemente no campo experimental do Arsenal de Edgewood, nos Estados Unidos, provaram que um aeroplano com um reservatorio contendo 30 gallões (cerca de 140 litros) de «yperite» ou de «lewisite», liquidos vesicantes e toxicos, ambos, mais densos que a agua, de pontos de ebulição bastante altos, pôde, mesmo sem baixar de 1.000 metros, cobrir, em sua passagem, uma faixa de 50

metros de largo por 1.250 de comprido, com uma chavinha fina do caustico utilizado.

EFFICACIA NO LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Com as bombas, o maior rendimento se obtem quando o vento é fraco ou nullo em derredor da posição inimiga; com o lançamento directo, é nas regiões abaixo do plano em que vâo o aparelho que se exige maior calma na atmosphera. Usando-se o primeiro processo, militam, para justificar o requisito, as mesmas razões adduzidas para o emprego dos projectis toxicos; quanto ao esparzimento, é logico que o vento muito acima do alvo encaminharia para pontos outros a garôa malefica a elle destinada.

O calor favorece a efficacia no lançamento por bombas, accelerando a evaporação superficial, quando ellas contém líquidos persistentes, que vão formar nas cavidades do sólo proximas dos pontos de impacto, as chamadas «bolsas de gazes»; diminue-a, entretanto, no caso de lançamento directo, pois a nebulisação gerada é transformada em vaporisação, antes, ás vezes, do liquido, ainda no alto, chegar a exercer a função que lhe é commettida.

A chuva forte é inimiga do emprego de gazes pelos aviões; fraca, prejudica a acção de quasi todos, quando lançados por bombas, diminuindo-lhes pela hydrolise ou pela desaggregação da massa, os effeitos locais que poderiam produzir; accelera, entretanto, a queda das gotticulas do liquido nocivo, quando lançado directamente, distribue-as melhor á superficie do sólo, impede, pelo humedecimento deste, que ellas sejam por elle embebidas e retarda a evaporação, augmentando portanto a persistencia do gaz.

FINS CONSEGUIDOS COM O LANÇAMENTO DE GAZES POR AVIÕES

Com bombas se consegue melhor:

a) a *surpresa* sobre o inimigo, de noite e mesmo de dia, quando ha nuvens pouco elevadas, mas extensas, causando-lhe numerosas baixas, antes que elle tenha tempo de lançar mão de suas mascaras e abatendo-lhe fortemente o moral;

b) a *neutralisação* da artilharia inimiga, obrigando-a a se conservar em serviço com a mascara afivelada ao rosto, o que estafa os serventes, deprime o moral e o physico de todo o pessoal das baterias e multiplica assustadoramente as baixas, resultando em pouco tempo a sua completa inação;

c) a *infecção* de zonas que não devem continuar ou vir a ser aproveitadas por observadores inimigos, obrigando os indesejaveis a não teimarem em nellas permanecer ou dellas se approximar.

Com o *lançamento directo* se consegue melhor que de qualquer outra maneira a *interdicção*: é a perfeição no modo de se bloquearem areas extensas, de se formarem a vontade, flancos defensivos artificiaes, de se fecharem estradas e zonas inteiras ao inimigo, de barrar, de impedir ou retardar o avanço de reforços, etc. etc.

*
*
*

E terminamos aqui, com a conclusão intelligente a que chegou sobre o assumpto um coronel de engenheiros do Exercito Hespanhol: «A aviação alliada á chimica, quasi que se basta a si mesma, restando ás demais armas a consolidação do exito, pela occupação do terreno».

ALVARO DE B. CARVALHO
Tte. Cel. Professor

DEFESA E ATAQUE DAS LOCALIDADES (COMBATES DE RUAS)

As localidades, do mesmo modo que os bosques, foram utilizadas no decorrer da guerra, conforme sua importancia, como *pontos de apoio* ou *centros de resistencia*.

Sua organização defensiva comprehende:

1.º) A organização defensiva da orla exterior, avançada o mais possivel, afim de subtrahir os defensores aos tiros de destruição dirigidos sobre a localidade;

2.º) a organização defensiva das salidas

da localidade, afim de impedir a entrada aos assaltantes e permittir o jogo das reservas;

3.º) enfim, organizações interiores das ruas, praças, corredores, edificações isoladas, afim de disputar o terreno palmo a palmo.

Os pontos organizados são de preferencia as edificações solidas, que se flanqueem reciprocamente e commandem os pontos de passagem obrigatorios para o assaltante. Os po-

rões dessas edificações são reforçados, afim de servirem de abrigo ás suas pequenas guarnições.

As ruas que não puderem ser batidas por fogos efficazes são tornadas impraticaveis empregando-se fios de ferro, obstaculos, barricadas, etc; enfim, as edificações occupadas são ligadas entre si, quando fôr possível, por communicações subterraneas ou por passagens abertas atravez das casas e muros.

A defesa das orlas e sahidas das localidades está sujeita, naturalmente, ás condições habituaes das organisações defensivas (flanqueamentos reciprocos, planos de fogos, abrigos, communicações, etc.),

Evidentemente, o ataque de uma localidade deve modelar-se nos processos de defesa; assim sendo, para evitar o engajamento de um combate de rua sempre lento, difficil e custoso, o ataque á uma localidade deve ser feito por *cercos*, de tal forma que, uma vez cercada, ella seja sómente objecto d'uma limpeza, como no caso de uma posição organisaada. Penetra-se na localidade pelas partes da orla que estiverem menos defendidas, pelas sahidas livres de defensores ou onde haja menor resistencia, e por muitos pontos de uma só vez.

Em consequencia, organisam-se, de antemão, grupos destinados á limpeza do inimigo. Esses grupos não serão outra cousa senão grupos de combates communs largamente providos de granadas de mão e de fuzil. Em certos casos juntar-se-ão soldados de engenharia para lançar petardos de melinite, utilizando, além disso, quer os petrechos de acompanhamento, quer artilharia de acompanhamento immediato, afim de tomarem á sua conta os nucleos de resistencia mais importantes e solidamente armados.

A arma ideal para este genero de combate é certamente o carro de assalto, armado de metralhadora ou canhão 37, e combatendo por secção ou meia secção, com o apoio dos homens encarregados da limpeza.

O processo empregado nos combates de rua será baseado nos seguintes principios:

- 1.º Reconhecer os órgãos de defesa interior;
- 2.º evitar expôr-se ao fogo dos defensores;
- 3.º conduzir um poderoso petrecho de fogo ou pelo menos armas automaticas, que tomem a si os elemento de fogo dos defensores (carros de assalto, si possível);
- 4.º abrir communicações através ás casas que permitam approximar dos nucleos de resistencia;

5.º por essas aberturas, cobrir os defensores de granadas ou petardos de melinite, ou ainda melhor de granadas asphyxiantes.

A limpeza é effectuada, assim, pouco a pouco, desde a orla até o centro da localidade, partindo de 2 ou 3 pontos de penetração e, em cada direcção sobre um objectivo bem preciso.

Mesmo no caso de uma localidade já muito damnificada pelos tiros de canhão, é preciso operar com prudencia e precaução; todo abrigo ou porão deve ser reconhecido e *limpo* de inimigos, se estiver occupado.

Em principio, essas operações são realisadas por unidades constituidas (pelotões ou mesmo companhias). Haverá toda vantagem, no caso de uma operação prevista de antemão e respeitando a composição organica dos grupos de combate, em proceder a uma melhor repartição dos papeis de cada um no ambito do G. C.

Assim, cabendo o primeiro papel ao combate á granada, é conveniente e util dispôr de muitos granadeiros com granadas do mão, os quaes serão remuniados pelos municiadores do F. M.

O F. M. ficará, então, com 1 atirador e 1 municiador; a esquadra de volteadores reduzida a 2 ou 3 homens, que servirão de esclarecedores, encarregados de atirar contra as janellas nas quaes possam apparecer defensores. O restante do effectivo do grupo será organisaado em granadeiros e remuniadores de granadas.

E' util no pelotão reunir os 4 lançadores de granadas de fuzil, para empregal-os como uma pequena bateria.

O capitão reparte as zonas de limpeza aos seus pelotões; cada commandante de pelotão indica, por sua vez, os objectivos a attingir por seus grupos de combate, guardando 1 ou 2 em reserva (conforme os objectivos a limpar) e, velando ao mesmo tempo, pelo reabastecimento a ser feito pela retaguarda e para a frente. Si o objectivo (edificação organisaada, nucleo de resistencia qualquer) pôde ser batido pelo fogo, elle colloca em bateria 1 ou muitos F. M. (1 atirador, 1 municiador, o cabo), como tambem a bateria do V. B., caso julgue conveniente constituir-a.

Sempre que o objectivo não possa ser efficazmente batido, o combate começa por uma approximação, até ser attingida uma posição que permita o tiro efficaz,

Cada grupo de combate progredindo por um itinerario determinado, dirige-se a seu objectivo da maneira seguinte: ■

2 granadeiros de mão na testa, cobertos por 1 volteador com a baioneta calada, commandados e dirigidos por um destes ou pelo cabo da 2.^a esquadra, e acompanhados, ao alcance da voz, pelo commandante do grupo. A alguns passos atraz, seguem os municia-dores com seus bornaes de granadas e, ainda mais afastados, conduzidos pelo cabo da 1.^a esquadra, os outros homens do grupo, tendo em sua frente volteadores capazes de substituir os lançadores de granadas que marcham na testa, e por ultimo o V. B. si elle não foi ainda empregado noutro lugar.

Este ultimo grupo assim organizado estará prompto a substituir o grupo testa, (o cabo da 2.^a ou outro chefe qualquer, os 2 lançadores e o volteador-baioneta), desde que elle mostre signaes de fadiga ou tenha sofrido perdas.

As disposições tomadas devem evitar o embolamento. Cada homem guarda silencio absoluto, sempre attento aos ruidos e aos movimentos da frente, a vista fixada nos menores gestos do commandante do grupo.

Si a ligação é realisada á vista com o F. M., o movimento faz-se sob a protecção de seus fogos sobretudo si o fuzil pode atirar de uma janella; no caso contrario, progride-se passo a passo, de casa em casa, até que o fogo inimigo impeça todo o movimento na rua. E' preciso, então, abrir passagens interiores, a menos que ainda seja possível obter uma bôa combinação do fogo do F. M. e

V. B. com o movimento dos granadeiros. O volteador que precede os lançadores aproveitará todas as occasiões para fazer um lance de alguns metros, de porta em porta, de esquina em esquina, de barricada em barricada.

O pessoal restante, activado por seu chefe segue a progressão. Os volteadores vigiam as janellas e todas as aberturas elevadas, tomando tambem o cuidado de observar para a retaguarda.

Emfim, quando está bem proximo o objectivo fixado, ao alcance da granada, (25 ou 30^m), o commandante do grupo observa o tiro de seus granadeiros, fazendo-o rectificar si for preciso.

E' o conjuncto dos combates parciaes executados por cada grupo que permite, geralmente, attingir o fim determinado a tal ou qual pelotão.

O commandante do pelotão coordenará a acção de seus grupos e servir-se-á da reserva que tenha constituido para substituir um grupo exgotado, ou para agir com ella aproveitando uma occasião favoravel, apparecida de momento. Elle terá sempre o cuidado de velar pelo remuniciamento.

Uma localidade assim conquistada e limpa de inimigos, não deve ser occupada immediatamente si possuir abrigos fortes e seguros. Caso isso não se dê, será conveniente sahir della o mais cedo possível, desde que a limpeza tenha terminado, e para bem longe afim de escapar aos tiros em represalia do inimigo.

TEN. CEL. BARRAND

O effectivismo corrosivo

Quando, levados atravez de um concurso estabelecido pelo clarividente patriotismo de S. Ex. o marechal Bento Ribeiro, penetraram na Escola Militar os instructores denominados «missão indigena», sentiram-se elles largamente satisfeitos pelas provas inequivocas dadas pelos alumnos, do interesse que lhes ia nas almas juvenis, pela real efficiencia militar do exercito, pelo trabalho honesto, silencioso e nobilitante de preparar soldados para a Patria.

O anno, que se seguiu, foi cheio de esforços, dos instructores e dos alumnos, buscando todos com pertinacia a colimação do mesmo fim — o *aperfeiçoamento do exercito*.

No segundo anno ainda correu melhor a coisa — os alumnos tiveram mais tempo para a aprendizagem, e os instructores puderam, pela maior pratica, reparar os senões do anterior.

Continuava de parte a parte o mesmo esforço

dignificante, a mesma alegria na marcha para o ideal commum.

Quem via os «cadetes» trabalhar com afinco, sem relutancias, submergindo na sua vontade a inercia de alguns recalcitrantes da preguiça, (que sempre existem em toda parte) sentia-se cheio de alegria, expandia a alma num desafogo de esperanza, acreditando que, logo que os exames abrissem as represas que os continham, iria, toda esta onda de juventude, innundar de trabalho e de virtude civica, as velhas casernas onde até então imperaram a *indolencia* de mãos dadas com a *ignorancia* e a *prepotencia*.

Esperava-os, é certo, a medonha, a terrivel, a execranda «*resistencia do meio*»; a qual na generalidade dos casos, seria *passiva*. Elles foram disto avisados, foi lhes dito que não abandonassem seus ideaes por causa de insuccessos pessoas, injustiças ou ingratições, mostrou-se-lhes o exemplo de um

grande varão que lutava e luta entre nós, sem se importar com os dissabores que tem sofrido a sua grande alma spartana de soldado; pediu-se-lhes encarecidamente que seguissem este bello exemplo e que reforçassem as fileiras dos que têm amor ao dever, e que têm sido os secundadores daquelle vulto masculino na obra de — *fazer exercito*.

Vibravam os corações patriotas neste vehemente anelo, sem se lembrarem da força da «tradição» da rotina esmagadora e do sorriso alvar com que os esperava o «*effectivista terciario*», prompto a saltar-lhes ás guelias para estrangular aos poucos o fogo sagrado em que ardiam os rapazes.

Mas o «*effectivista*» é «*ave*»; romper bruscamente sobre os moços seria assanhar-lhes os pendores de luta, cimentar-lhes a união, e, talvez lá se fosse o «*effectivismo*» de «*pernas para o ar*»; não... o «*effectivista*» de 3.^a phase (nocividade) é habil, é psychologo... elle é um *soldadico* de primeira ordem, — mata aos poucos, devagar, procura primeiro infiltrar-se, finge transigir, finge admirar, mas espalha de mansinho o seu *corrosivo*; vae se apoderando aos poucos do joven official até fazel-o entrar por sua vez na 1.^a phase do «*effectivismo*»... feito o que, medrará a planta em folhudos ramos.

Estudemos esta torpeza, este trabalho nefasto contra a integridade da Patria e a efficiencia do exercito; mas, estudemol-o ao vivo, cruaente, com a coragem de um cirurgião; — um caso real, vivido, presenciado e que servirá de paradigma, para se affeer de muitos outros, que deve haver semelhantes por estes vastos «*Brazis*».

Chegada a turma de aspirantes ou 2.^{os} tenentes, o «*baronete*», geralmente capitão ou major, os espera com um sorriso enigmatico em que vae toda sua perfidia... indica-lhes uma pensão ou manda preparar-lhes aposentos no quartel, envia-lhes o *caminhão* para trazer as bagagens — o «*effectivista*» é amavel — está preparando o terreno...

No dia seguinte pergunta-lhes, obsequioso, se «*gostaram da terra?*...», accrescentando «*naturalmente os senhores que vieram do Rio... mas, o povo é muito muito bom e o regimento... oh! o regimento!... vive-se aqui muito em harmonia!*...» (2) *ha muita camaradagem!*... (3)

Os moços, na sua natural expansibilidade, tagarellam a valer; cheios de entusiasmo deitam conhecimentos, causa naturalissima e até mesmo decorrente da nobre ancia em que estão de estréar-se em seus papeis de officiaes.

O *effectivista* os escuta e sorri beatificamente, hypocritamente.

Quando, na palestra calha o assumpto em alguma coisa que o *effectivista* não ignora, geralmente banalidades ao alcance de qualquer sargento (4), deita seu *sabersinho* e logra a attenção dos jovens; e então, engatilhando o «*sólo*», puxa a conversa manhosamente, geitosamente para a celebre «*Ignacia*» e ali discorre superiormente sobre «*consolidação*» (a qual, as mais das vezes conhece apenas por ouvir fallar o 1.^o sargento), *pernoites*, *invernadas*, *balançetes*, *minutas*, *dispensas de revista*, etc... ficando elle proprio admirado, como possuia tanto saber dentro de suas *enxundias*, e goza superiormente o deleite maximo de haver embasbacado aos rapazes...

Analysemos agora a coisa pelo lado dos aspirantes.

Sahidos, que são, das escolas ao lado das esplendidas intensões vae uma desculpavel vaidade (5) que faz a priori, julgar «*uns cretinos*» todos os officiaes mais velhos.

O *effectivista* sabe disto perfeitamente, e dahi o seu sorrisinho dubio, e a conversa com que embasbaca aos moços... nm dos quaes, mais ingenuo, diz a outro: «*F. você sabe?!*... *este capitão toma... elle sabe que o escalonamento é da direita quando não se designa o flanco...*... e além disto é um bichão (6) na administração».

Está dado mais um passo... nos moços, é sempre facil desmanchar as *prevenções justas*.

Outro dia o tal capitão ou major, batendo nas costas do aspirante sahe-se com uma deste gosto: «*ora! vamos deixar desta bobagem de senhoria, nós somos collegas e portanto é tú p'ra lá, tú p'ra cá*».

A mim, me parece que isto devia repugnar ao menos graduado (8), mas na maioria dos casos é uma coisa muito ao sabor do nosso povo, patentear-se intimidade com os superiores; e o pobre do aspirante cahe na armadilha e ainda se mostra grattissimo ao *effectivista* que o «*distingue de forma tão captivante*» (9).

Passados alguns dias, e ás vezes até de chegada, lá vae um pobre tenentesinho ou aspirante commandar uma bateria.

E' claro que em tal situação fica «*cheio de dedos*», mas lá está a providencia, supremo bem, manancial de felicidade — o *effectivista maldito* — que corre a lhe ensinar a commandar, ou antes a *descommandar*; isto é, que a par de alguns papeis soffrivelmente certos, vae lhe ministrando toda arte de burlar os regulamentos, de mentir descaradamente, averbando no livro competente coisas que se não fizeram mas que servirão para deixar boquiabertas as autoridades que *inspeccionam* (?) sómente pelos livros.

Começou ahi o papel corruptor, que se desenvolve a seguir, tempo em fóra, até transformar em um fardo para o exercito, um elemento que poderia dar um bello official.

Começa o anno de instrucção — atiram-se os estréantes, com grande ardôr, aos recrutas, ás vezes um tanto desordenadamente, porém sempre na mais nobre e louvavel das intenções.

Qualquer official digno que, sobre elles, tivesse ascendencia, deveria encorajal-os, applaudir-lhes a conducta, incentivar-lhes os esforços, e simultaneamente, com muito tacto para não desanimar-os, com muito geito para não prejudicar o alto juizo que de si mesmo fazem, ir procurando oriental-os para um caminho racional, pois os moços são, na maioria, levados a hypertrophiar as partes mais movimentadas da instrucção em detrimento das outras mais fastidiosas.

Emquanto isto, o *effectivista*, que, já tem camaradagem — sorri, goza as discussões accesas que por uma interpretação de regulamento, são succipitadas entre os rapazes, e, por fim sahe-se com a phrase: «*eu quando era rapaz, pensava assim... agora vejo que tudo isto é bobagem... mais tarde vocês hão de pensar como eu*».

Phrase mentirosa e insidiososa.

Mentirosa — porque no tempo desses senhores nunca se trabalhou; toda a instrucção, uma vez por semana, e isto mesmo dada pelos sargentos, se cifrava em «*exercício de bater*», *bate-enxuga*.

tremendo em que as vezes não se entendiam as doutrinas de dous dos instructores de um mesmo corpo!...

Nestes velhos tempos, felizmente bem extinctos, todo o entusiasmo dos officiaes novos se resumia em desandar formidaveis *surras* de vara de marmello nos velhos e insubordinados soldados, profissionaes de então; ou para os mais calmos, em desandal-os de *xadrez* ou *gamão* nos camaradas menos habeis em taes coisas.

Insidiosa — porque distilla devagar o desanimo e a descrença na alma dos fracos; *insidiosa* — porque procura tornar ridicula ⁽¹⁰⁾ uma qualidade nobre, afim de atrahir a grey nefasta, os pobres rapazes que, por um acanhamento sem razão, por um medo futil a um ridiculo que não existe, vão cabindo na preguiça, afim de não parecerem *re-crutas* e para se mostrarem *antigos* que já sabem o que é a vida...

Sabei pois, meus talentosos e jovens camaradas, que é esta justamente a phase em que o grotesco se apeg a vossas pessoas.

Haveis de convir que é jogralesco e triste: fazerdes de velhos... quando sois moços!!!!... fazerdes de *relaxados*... quando em vosso intimo se queima constantemente a pyra do civismo!!!!...; representades de cansados... quando apenas tendes 4 ou 5 annos de praça!!!!...; de desanimados quando a carreira vos tem sorrido com um posto por anno!!!!...; de ignorantes, quando sabeis bastante!!!!... e tudo isto para que????...

Para serdes agradaveis a um effectivista, brutalizado de casernismo antiquado e de praxismo bronco e emperrado.

Convenhamos meus bons amigos, que é desperdes de vosso esplendido valor, da magnifica esperança em que vos tinham certos homens que nos deram exemplos de vontade e de luta...

Compreendei que é trahirdes aos soberanos direitos que a Patria tem de vós; que é fugirdes ao vosso dever e que enfim, é caminhardes a largos passos, para em dias futuros virdes substituir estes *manipões de tarimba* na sua negregada obra de dissolução do exercito, de embrutecimento dos moços, de entrave dos esforçados e, *ipso-facto*, de collaboradores de situações bem deploraveis a que são commumente arrastados os povos desarmados ou imprevidentes.

Continuemos a analysar o *effectivista*.

Elle vos explora, meus jovens amigos, e vos explora vergonhosamente, covardemente.

Se algum superior ou camarada, dos que não se deixam montar, o incommoda no corpo, não tem o *effectivista* a coragem precisa para abrir luta com elle... não, absolutamente não...

Para que fazel-o?!!!!... arriscar-se a um desforço pessoal ou perder pelos tramites legais.

Não, o *effectivista* é habil, elle deve triumphar sempre, ainda mesmo que seja preciso para isto, bajular vergonhosamente um commandante que poucos dias antes o haja cruelmente insultado; o *effectivista* o que quer é triumphar, meus amigos, as mais das vezes contra quem o unico aggravo que lhe fez é não ser tão ignorante como elle; e vós então, sois escolhidos como instrumentos. Si houver triumpho de vossa parte — muito bem — o *effectivista* attinge seu fim; si porém fôrdes vencidos e a

autoridade superior dêr o castigo merecido, o *effectivista* estará de fóra, nada lhe acontecerá e vós meus bons amigos, soffrereis sosinhos as consequências, enquanto que elle — a alma, a cabeça — ficará livre porque teve a diabolica prudencia de nas suas conversinhas, entre dous goles de chopp ou entre duas anedoctas picantes, vos inocula qualquer coisa contra aquelle a quem elle quer esmagar.

E assim elle consegue irritar o vosso temperamento impulsivo de moços inexperientes, e, dando collorações especiaes a certos factos, vos lança numa luta de todos contra um, em que a deslealdade e a mentira são as armas e o escopo o aniquillamento do valor militar e do trabalho.

E assim, ao par das lições de preguiça elle vos ministra, meus camaradas, um verdadeiro curso de abastardamento moral.

Para concluir, permitti meus amigos, que eu appelle para os generosos sentimentos de vossa mocidade em flôr, da vossa intelligencia finamente trabalhada e vos peça um olhar para a historia de todos os povos, de todas as épochas.

Em nenhum de vós pôde dormir a crença estulta que os *sabedores de muitas coisas* pregam, de que «na occasião opportuna o povo saberá cumprir o seu dever».

Todos vós sabeis que, desde a mais remota antiguidade, têm sido as massas indisciplinadas reduzidas a nada por um numero diminuto de soldados ⁽¹¹⁾.

E vós sabeis, tanto quanto eu, que nos corpos em que ha «*dono*» a instrucção ou é um «*mytho*» ou se reduz a *toleimas* e *superfactações* destinadas a *fogos de artificios* para embahir os generaes, que inspeccionam.

Convenhamos que é um crime deixar sem instrucção militar, homens que a Patria arrancou a seus lares, a seus interesses, ás vezes de sustentaculos de pobres e desvalidas familias, para trazel-os aos quartéis afim de fazel-os soldados para os tristes dias de um futuro que pôde ser longinquo, e que tambem poderá ser amanhã. Repitamos que é um crime — trahição contra a Patria, não instruil-os; — iniquidade contra elles, fazel-os perder um anno de sua vida para aprender «meia volta», «canção d'artilharia», «responder revista» e... estragar o estomago com a «*boia*».

Lembrae-vos que, quando chegarem os horriveis dias de guerra, não será sómente a casta negra dos *effectivistas* que irá morrer; seremos nós e principalmente nós, que temos amor á nossa profissão, que conhecemos o dever e nos esforçamos em cumpril-o.

Lembrae-vos que, nos campos ensanguentados das batalhas, se pagam os erros da paz e da preguiça; e que cada vida ceifada a nossos soldados, ignorantes do seu mistér e conduzidos por mãos inhabeis, é o preço com que o inimigo paga um bocejo de um subalterno, um cochilo de um capitão ou uma tolice de qualquer posto perpetradas a sombra da paz.

Lembrae-vos de que este sangue innocente está em nossas mãos e que se não cumprirdes o vosso dever durante a paz, sereis os responsaveis das ca-

tastrophes de amanhã, em grão tanto maior quanto mais alto o posto que tiverdes na hierarchia militar.

Lembrae-vos que, trabalhando com afincio e desvelo agora, poupareis muita dôr de orphandade, muita lagrima de viuvez e muita humilhação para o Brasil.

Perdoae, meus bons amigos, esta perlença, filha do muito affecto que vos tenho e da verdadeira dôr que me crucia quando alguém, dando-me noticias de um de vós, dos que eu mais admirava, me diz serdes um *descrente* — um *parasita* — no meu ver um *effectivista* de 1.^a ou 2.^a phase.

Perdoae... mas trabalhae eu vol-o peço encarecidamente.

NOTAS— 1.^a Vide «Interinismo» ou effectivismo n.^o «A Defesa» n. 117.

2.^a — é claro que, quando se submeterem inteiramente á vontade do *tutti effectivista*.

3.^a — absolutamente verdadeira a asserção, contanto que se

faça abstração de sua personalidade, e se enverede por um emaranhado de vilanias — «*asinus, asinu fectus*».

4.^a — por exemplo «quando se faz pontaria a luneta, é obrigatoria a referencia».

5.^a — desculpavel por causa da pouca idade e inexperiencia.

6.^a — futuramente se desvanecerá esta opinião, logo que os rapazes, se achem inteirados das coisas absolutamente simples que o papão lles disse com attitudes magistraes de conferencista da Sorbonne ou com arranques de *Camelot* da rua do Ouvidor.

7.^a — O contrario acontece com os injustos.

8.^a — Tratar por tal fórma o seu superior.

9.^a — Uma especie de *amistosa* colleira erigida de pregos e que servirá aos fins do effectivista, quando elle agular o moço contra algum desaffecto seu.

10.^a — O effectivista não quer aprender, mas tambem não admite que alguém seja mais competente que elle; dahi a sua afeição pelos superiores que conseguiram attingir o apice da ignorancia e o cume do desmazello.

11.^a — Ex. — Retirada dos 10.000 — batalha Maratona — Imposição da vontade Macedonia — Predominancia dos Romanos — A energia da grandiosa vontade «Corsa» dominando a Europa, etc. — tudo isto como fructo da preparação militar.

LUIZ A. CORREIA LIMA
Capitão

PALESTRAS TECHNICAS

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

(CONTINUAÇÃO)

Do ponto de vista informações, segue-se a
Observação

Ella divide-se em terrestre e aerea; a primeira feita pelos observatorios de todas as classes, e a segunda pelos balões e aviões.

A observação terrestre tem por fim a vigilancia horizontal do campo de batalha, o reconhecimento e estudo dos objectivos e, particularmente para a artilharia, a regulação e verificação dos tiros.

Os observatorios são locados nas partes do terreno, em que a vista possa abraçar a maior extensão possível, e sua importancia está de accordo com o valor e as necessidades da unidade a que serve.

No ambito da Divisão é grande o numero de observatorios de toda especie.

Nas pequenas unidades elles ficam como que superpostos aos P. C. e sua escolha e locação precede á do Posto de commando; porque, si a observação é essencial ao chefe pela sua falta elle ficaria reduzido a commandar de um modo insufficiente, como um cego guiado por mão amiga, limitando-se a ficar abrigado no refugio do P. C.

A necessidade do observatorio estende-se por isso das pequenas ás grandes unidades;

é um complemento indispensavel do commando.

Os P. O. classificam-se em :

Observatorios de commando;

Observatorios de infantaria;

Observatorios de artilharia.

Todos trabalham em proveito de suas unidades e da 2.^a Secção do E. M. da Divisão, que é o organ coordenador das informações.

Para escolher um bom observatorio, é preciso pratica e conhecimento das modificações de aspecto devidas á perspectiva. Elles devem ser collocados de modo que a observação seja completada sobre todas as partes do terreno, repartidos, por isso, em uma verdadeira rede continua, que cobre toda a região. As vistas frontaes, isto é, perpendiculares á frente, serão completadas pelas lateraes. Indo um pouco mais além, os P. O. das unidades visinhas devem tambem trabalhar em proveito das que as flanqueiam ou se acham enquadradas.

Por ahi se vê a importancia dos pontos de vista dos observatorios de varias especies, desde á Companhia até á Divisão.

A camaradagem de combate tem nesse caso toda applicação.

Na locação de um observatorio deve-se ainda ter sempre em vista serem elles objectivos procurados pelo inimigo, que fará o possível para destruil-os ou cegal-os; portanto, será preciso disfarçar-os cuidadosamente e não os locar sobre pontos destacados do terreno, e sim, de preferencia, em pontos banaes, que satisfaçam, porém, ás condições exigidas. Se isso não fôr possível, serão construidos, á retaguarda e nas proximidades, refugios seguros nos quaes o pessoal e material encontrarão abrigo durante o bombardeio.

Uma medida, que se impõe, é a interdição da circulação em torno dos observatorios, para não attrahir a attenção do inimigo; extendendo-a aos visitantes de qualquer hierarchia. Outrosim, devem ser cuidadosamente disfarçados os caminhos que conduzem ao Posto.

Convem, tambem, como medida essencial, não accumular varios observatorios em uma mesma zona restricta, permittindo ao inimigo tomal-os sob um mesmo fogo. No caso de ser o unico recurso, pela falta de pontos dominantes, espaçal-os no mínimo de 200 m.

Cada commandante deve ter o seu P. O. que lhe permitta, tanto quanto possível, acompanhar o combate na zona de acção de sua unidade. Por exemplo: o de um grupo de artilharia deve permittir a observação de toda a zona attribuida ao grupo; o da A. D., observar o sector ou zona da divisão.

Dahi se conclue que cada chefe deve ter um observatorio, donde veja o conjunto de sua zona de acção, e tambem que, quanto menor fôr a unidade, tanto mais restricto será o campo de seu P. O. e maior a minuciosidade da observação.

Com effeito, o observatorio de um R. I. terá vistas mais extensas que o de uma companhia; mas, este ultimo, num campo mais restricto, poderá perceber todos os pequenos detalhes que escapam áquelle.

Para que a observação seja apaixonada e constante, deve-se distribuir o pessoal de modo a assegurar a permanencia das vistas no tempo e no espaço.

No combate quasi nada se percebe do lado adversario: a vista não é attrahida por nenhum ponto preciso; só o reboar do canhão e o sibilar das balas fazem crer que elle está em nossa frente, mas nem suas baterias nem seus soldados são percebidos, desenhados pelo terreno e pelos accidentes. Raramente

se levanta uma nuvem de fumaça ou poeira, rapidamente dissipada e surgem furtivamente alguns homens ou viaturas espaçadas; uma nuvem de poeira indica um auto que passa.

E' a sensação do vasio, que enerva. Por isso, para vêr alguma coisa, é necessario fazer uma observação apaixonada, exigindo dos seus executantes qualidades especiaes adquiridas por constantes exercicios. Não se improvisam observadores.

No combate offensivo a missão dos observatorios consiste em seguir a marcha do combate (movimentos das tropas amigas e inimigas, actividade das suas artilharias), em observar os signaes feitos pelos elementos avançados e conforme o determinado na ordem, transmittil-os ou repetil-os.

Quando se trata de posições organisadas para a defesa, a observação pôde ser feita com todo methodo no Sector da Divisão, de modo a completar e verificar a observação aerea, que, por mais perfeita, é sempre intermitente.

Organisa-se, então, o Plano de observação, que faz conhecer os observatorios de commando e da artilharia.

Esse plano comprehende:

- 1.º — A carta de conjunto dos observatorios e as zonas vistas por cada um;
- 2.º — Um panorama tirado de cada P. O.;
- 3.º — Um esquema das ligações telephonicas entre os P. O. e os P. C.
- 4.º — As condições de funcionamento do Serviço de observação (observatorios occupados permanentemente ou temporariamente, pessoal, determinações especiaes a certos observatorios, auxilio prestado pelos observatorios da artilharia ao de commando, transmissão das informações, etc.).

Em cada observatorio encontra-se:

- a) Uma nota de serviço especial (pessoal, distribuição dos quartos, sector a vigiar, transmissão, pontos sobre os quaes é necessario vigiar mais particularmente, medidas de prudencia a fazer observar pelos visitantes, etc.);
- b) uma caderneta destinada á inscripção immediata das observações feitas;
- c) carta, posta em dia, na escala de 1/20.000;

d) carta das partes vistas do P. O., na escala de 1/10.000, e um panorama;

e) material para observação (binoculos, lunetas, etc.)

Todos os observadores devem ter pratica de leitura de cartas e panoramas, de explorar o terreno methodicamente, e exprimir suas observações de um modo completo e preciso.

As observações, no ambito Regimento, são coordenadas pelo official de informações, pondo em dia o plano director do P. C., na escala de 1/10.000, ou mesmo 1/5.000.

As informações novas são enviadas ao chefe da 2.ª Secção da Divisão,

Em principio, todas as informações são remetidas, mesmo aquellas que não pareçam ter utilidade, porquanto podem fornecer indicações preciosas em comparação com as outras.

(continúa)

Major PAES DE ANDRADE

POLICIA MILITAR

Vae para 115 annos que surgiu nesta cidade a primeira policia militar regularmente organizada. Idealizou-a D. João VI, quando aqui aportou com sua côrte, acossado pelas hostes napoleonicas ao mando de Junot. O então principe regente impressionado com a exquisita exhibição dos anachronicos quadrilheiros, incumbidos do policiamento da então mirrada Sebastianopolis, determinou a fundação de um corpo policial, semelhante ao que deixara na metropole, o qual deveria receber, como receberam, a denominação de «Divisão Militar da Guarda Real de Policia». Para commandal-a foi nomeado o coronel de linha José Maria Rebello, a quem o major Miguel Nunes Vidigal auxiliou efficazmente, como seu immediato.

Diz o decreto de 13 de maio de 1809: «Sendo de absoluta necessidade prover á segurança e tranquillidade publica desta cidade, cuja população e trafico cresce consideravelmente, e augmentará todos os dias pela affluencia dos negocios, inseparavel das grandes capitães; e havendo mostrado a experiencia, que o estabelecimento de uma Guarda Militar de Policia é o mais proprio não só para aquelle desejado fim da boa ordem e socego publico, mas ainda para obstar ás damnosas especulações de contrabando, que nenhuma providencia, nem as mais rigorosas leis prohibitivas tem podido cohibir: sou servido crear uma Divisão Militar da Guarda Real da Policia desta Côrte, com a possivel semelhança daquella que com tão reconhecidas vantagens estabeleci em Lisboa, a qual se organizará na conformidade do plano, que com este baixa, assignado pelo Conde de Linhares, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e o faça executar na parte que lhe toca. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1809. Com a rubrica do Principe Regente Nosso Senhor».

A composição dessa guarda era assim determinada: Estado Maior — 1 commandante com a patente de sargento-mór; 1 ajudante com a graduação de capitão, que deve servir de 2.º commandante, 1 furriel-mór para servir de quartel-mestre, com a graduação de 1.º sargento; 1 sargento de brigada para servir de secretario; e 1 ajudante de cirurgia. Cada companhia de infantaria devia possuir: 1 tenente commandante, 1 1.º sargento, 1 2.º sargento, 1 furriel, 4 cabos, 4 anspeçadas, 1 tambor e 40 soldados. E a de cavallaria: 1 alferes commandante 1 1.º sargento, 1 2.º sargento, 1 furriel, 4 cabos, 4 anspeçadas, 1 trombeta, 1 ferrador e 40 soldados.

Como prova evidente, de que já nessa época, procuravam imprimir aos corpos de policia uma dupla feição, policial-militar, vale a pena transcrever os dois primeiros artigos desse decreto, que são do seguinte teor:

«1. — O Commandante desta Guarda ficará sujeito ao Governador das Armas da Côrte, de quem receberá o santo todos os dias, e ao Intendente Geral da Policia para a execução de todas as suas requisições e ordens que, em pessoa, receberá todas as manhãs; sendo obrigado a dar a um e a outro parte de todos os successos e novidades que tiverem acontecido no dia e noite precedentes, além daquella que deve dirigir ao Ministro de Estado dos Negocios da Guerra, e ao dos Negocios do Brasil, que o é também da Fazenda.

2. — Esta Guarda será formada dos melhores soldados escolhidos entre os quatro Regimentos de Infantaria e Cavallaria de linha da guarnição desta Côrte, não só pela preferencia da sua robustez indispensavel para as funcções do penoso e aturado serviço a que são destinados, mas ainda pela circumstancia de melhor morigeração e conducta. Os respectivos coroneis, segundo as ordens que receberem do General, farão pois esta exacta e escrupulosa escolha, e designarão assim, segundo a força

actual dos seus corpos, o contingente que tem de dar a formatura desta Guarda, devendo comtudo serem estes soldados conservados no caso e serviço dos Regimentos, até que este Corpo, fornecido do seu armamento e fardamento, possa completar o seu particular serviço».

Do primeiro desses dispositivos se verifica a preoccupação de infiltrar na tropa recém-creada a verdade e disciplina, que é a que sahe do seio da caserna, doutrina corroborada no segundo artigo, que dá preferencia ás praças dos regimentos de linha, da guarnição da Côrte.

As companhias creadas deviam alojar-se em pontos differentes; a de cavallaria, por exemplo, no campo de Sant'Anna, hoje praça da Republica; junto á igreja de Sant'Anna, mais tarde demolida no local em que está hoje a estação inicial da E. F. C. do Brasil; a primeira de infantaria, no Vallongo, hoje praça Municipal; a segunda na Prainha, hoje rua Acre, no velho edificio mais tarde transformado na cadeia velha do Aljube; a terceira no campo da Ajuda, nas proximidades do actual Passeio Publico. Incumbiu-se a Intendencia Geral da Policia da aquisição, por arrendamento, dos predios necessarios a essa installação, e estes, como é facil imaginar, eram velhos pardieiros sem as condições hygienicas indispensaveis ao fim a que se destinavam.

Os seus officiaes — dizia o art. 8.º — «assistiriam o mais perto que ser pudesse, nos alojamentos de suas companhias; para manter nestas a disciplina e boa ordem que convinha, particularmente os de cavallaria, que deviam vigiar miudadamente no trato e sustento dos cavallos, em que a menor negligencia devia ser asperamente castigada; e 1 official inferior assistiria sempre ao serviço de cavallaria, por cuja ordem era responsavel, tanto de dia como de noite».

A arma de cavallaria, nesse tempo, merecia cuidados especiaes. Os seus vencimentos eram menos exiguos, attendendo certamente ao accrescimento de deveres do cavallariano para com o animal que monta, habito que desapareceu com o decorrer dos tempos. O soldado de infantaria percibia 80 réis diários e o de cavallaria 100 réis. Providenciava ainda o minuscuro regulamento, então expedido, sobre alimentação, uniformes, revistas diarias, guardas e patrulhas, bem como, sobre o modo de agir nos casos de incendio, desordem, contrabando, etc., etc.

Do seu artigo 16.º, se vislumbra o habito anterior da intervenção dos corpos milicianos e de linha, nas desordens e motins, muito em voga principalmente nos centros frequentados pelos capoeiras de mistura com os marujos de varias procedencias. Esse artigo está assim concebido: «Ficando por este modo convenientemente acautelada a guarda e vigia da cidade, ficará cessando com este serviço o das rondas, que se exigiam dos corpos milicianos e de

linha, conservando estes, todavia, nos seus quartéis, os piquetes que devem auxiliar a Guarda da Policia, em qualquer occurrencia em que se requeira a sua cooperação».

A feição dupla a que venho de referir-me está plenamente consubstanciada no 24.º e ultimo artigo do decreto de 1809, onde se lê:

«Além das providencias que ficam assim ordenadas, cumpre ao Governador das Armas da Côrte e ao Intendente Geral da Policia, segundo o conhecimento que a experiencia fôr aconselhando, indicar as modificações ou alterações que convenham, para que este estabelecimento corresponda ao util fim a que se destina».

A Guarda prestou os melhores serviços, não só na manutenção do socego publico, repressão da capoeiragem, etc., como na defesa das autoridades legalmente constituídas. Em 1828, por occasião da revolta dos batalhões mercenarios, allemães e irlandezes, já sob o commando de Vidigal, empregou toda a possível energia, para submeter, como submettem, esses elementos de discordia, que D. Pedro I inadvertidamente contratou para garantia de seu reinado. De modificação em modificação, viveu até 1831, quando foi dissolvida por Feijó, pelo feio crime de haver confraternizado com a tropa e com o povo, por occasião da explosão patriotica que deu logar á abdicação de 7 de abril. Teve, pois, 22 annos de existencia, com dous commandantes apenas, os coroneis José Maria Rebello e Miguel Nunes Vidigal, o famoso Vidigal, tão desfigurado pela lenda.

Do Corpo de Municipaes Permanentes, creado nesse mesmo anno, para succeder á Guarda Militar de Policia, como passou a ser denominada após a independencia, trataremos mais tarde. Veremos que Caxias, a quem coube a tarefa de sua organização, deixou em nosso archivo legendario, os mais luminosos traços de sua passagem.

Mas convém assignalar que a Policia Militar foi em todos os tempos uma excellente cooperadora do Exercito, mesmo nas occasiões mais difficeis da vida nacional. A' testa de seus destinos teve sempre generaes dos mais distinctos e alguns bravos guerreiros como Polydoro Jordão, Antonio Sampaio, Machado da Costa, Silva Telles e tantos outros que seria fastidioso ennumerar aqui.

Na phase primitiva, isto é, de 1809 a 1831 ella actuou com energia na consolidação dos governos e na repressão do banditismo, forçando os mercenarios estrangeiros, que se revoltaram de armas na mão, á completa submissão e obediencia á lei. Como corpo de permanentes (2.ª phase) cooperou com Caxias na pacificação das provincias, recebendo, então (1842), a insigne honra de possuir estandarte, privilegio até então dos corpos de linha. Como corpo policial, foi á guerra do Paraguay, transformado em 31.º de voluntarios, sob o commando de

Machado da Costa, um bravo entre os bravos, que escreveu uma bella pagina de sua historia. Como corpo militar de policia, contribuiu com sua adhesão para o advento do regimen democratico e ajudou a consolidar a republica, que os demagogos tentavam demolir. Como brigada policial, combateu ao lado de Floriano, até restabelecer a paz na familia brasileira e dar aos governos legalmente constituídos o indispensavel prestigio para o bom exito de suas missões.

E', portanto, uma leal e solícita companheira do Exercito, com quem vive vinculada até nos mais afflictivos transes. Vibra quando elle vibra, soffre quando elle soffre, age quando elle age. Por consequencia não se justifica a ogerisa de muitos pelo nosso gesto innocente de usar uniformes, armas e costumes semelhantes, nem a attitudo de certo articulista d'«O Jornal» de 17 de junho, nivelando-nos, talvez por ironia, aos conductores de bondes, aos chauffeurs, aos meninos de collegios, aos baleiros, rapidos, estafetas, etc. E' provavel que ao autor desse artigo te falte competencia para tratar do assumpto, pois, além de tudo, argumenta com inverdades. Mas o que é facto incontestavel é que tentou ridicularisar uma corporação de quem se exige, com muita justiça, solido preparo para a guerra, como força auxiliar immediata do Exercito.

E se esse preparo não corresponde ainda á expectativa dos mais exigentes é porque o exiguo tempo de que dispomos não nos favorece. A creação recente da Escola Profissional, onde pontificam 10 notaveis professores das escolas militares, contribuirá para melhor resultado; alargaremos com certeza a esphera de nossas aptidões guerreiras tarefa que os instructores vindos do Exercito completarão, certamente, com esplendido exito. Não é justo, pois, que se implique com o nosso talabarte, porque sem elle não poderíamos cingir a espada.

Essa escola será, no futuro, a nossa escola militar, o laboratorio onde se caldearão os candidatos ao officialato. Com as mais completas noções de portuguez e literatura nacional, arithmetica e algebra, geographia e cosmographia, geometria e trigonometria, francez, historia universal, physica, chimica e historia natural, topographia militar, noções de direito constitucional e instrucção policial, de organização e administração militares, de tactica e jogo da guerra, e de tiro e balística interna, sairão della bem seleccionados, os elementos que vão servir de bussola a quantos queiram compartilhar no arduo serviço policial. E ella já vae fructificando...

CAPITÃO ALBINO MONTEIRO
da Policia Militar

Artilharia nos postos avançados

Necessidade

Os P. A. têm missão de resistencia e vigilancia; a artilharia, evidentemente, não pôde cooperar na ultima dessas missões. Em compensação, é um factor importantissimo na missão de resistencia, que possa ser attribuida aos P. A.

Dahi resulta que, estabelecidos estes longe do inimigo, não necessitam de artilharia. E' sabido que, nesse caso, os P. A. são reduzidos ao minimo e a protecção que elles proporcionam ao grosso é essencialmente baseada na informação colhida á distancia, com a cavallaria.

A' pequena distancia do inimigo, já a questão muda de figura; a necessidade de *resistir* importa sobre a vigilancia (porque esta existe justamente para assegurar a resistencia) e, para a resistencia torna-se indispensavel a cooperação que a artilharia proporciona.

—Cerrando mais a questão, nos P. A. de combate, isto é, quando em contacto com o

inimigo, não pôde haver duvidas de que, no systema defensivo então creado, seja necessaria a artilharia. Os seus fogos, realmente, constituem uma parada elementar e a mais immediata ao serviço da infantaria que, pela proximidade do inimigo, está sujeita a golpes de mão da sua parte.

Effectivos

Não se pôde fixar o quantum de artilharia deve ser lançado no serviço de P. A. Antes de mais nada, deve-se pensar que esse serviço é uma *protecção* proporcionada ás tropas em estacionamento, isto é, em repouso, para restabelecer-se das fadigas da jornada de marcha ou combate que tiveram; e desse beneficio as tropas de artilharia tambem devem participar. Assim sendo, não se pode pensar em empenhar a artilharia em todas as direcções em que a tropa se acha protegida; quer estes P. A. se chamem vanguarda, recta-guarda ou flanco-guarda, será previsto o seu

emprego somente nas direcções principaes onde o inimigo seja mais ameaçador.

Todavia, tratando-se de P. A. em fim de combate, toda artilharia será empenhada, porque então, os fogos defensivos organizados não interessam exclusivamente aos P. A. e sim á toda tropa amiga escalonada para a lucta, que pode reaccender de um momento para outro.

Como effectivo minimo de artilharia em cooperação nos P. A., deve-se pensar no grupo que, como é sabido, é a menor unidade da arma capaz de, por si só, realizar uma missão tactica.

Como effectivo maximo, ao menos para os P. A. que não forem de fim de combate, o razoavel para a protecção de uma D. I. será 2 grupos; com effecto, já o emprego de 3 grupos nesse serviço, isto é, 1 regimento, corresponde á metade da artilharia divisionaria de campanha (75) que se tira ao repouso, merecido á titulo igual ao das demais tropas divisionarias: seria *normalmente* muito forte.

Entretanto, isso nada tem de absoluto; e, si existem varias direcções igualmente perigosas (na frente, flanco ou rectaguarda) não se terá duvida em lançar em vigília os grupos que se tornarem necessarios. Do mesmo modo, os P. A. poderão ser fortemente dotados de artilharia si se pensa, no dia seguinte, confiar-lhes uma missão com tal effectivo; será então estacionar a tropa tendo em vista o seu emprego após o repouso.

De um modo geral, e não havendo razões especiaes para reforço ou diminuição, depois de uma marcha de frente, a artilharia dos P. A. será constituída pela propria artilharia da vanguarda.

Posições

Como em um systema defensivo qualquer, onde é regra geral collocar a artilharia a coberto da linha principal de resistencia, as posições da artilharia em P. A. devem ser escolhidas atraz dos P. Principaes. E como, em geral, o escalonamento dessa protecção, interposta ao inimigo, vae até ás reservas dos P. A., existindo em seguida um vazio, no terreno, de alguns kilometros antes de chegar ao grosso estacionado, convem recuar as posições das baterias o mais possivel, dentro da exigência de *boa distancia* para o cumprimento da missão lá na frente (6 klm.)

Além disso, sendo os P. A. de pequenos effectivos incapazes de assegurar uma

protecção sufficiente á artilharia, que com elles coopera, (P. A. de pequenos destacamentos por ex.) não se deve duvidar em collocar o material cá no seio do grosso e a coberto delle, contanto que não haja incompatibilidade de distancias com as missões a cumprir.

Com os P. A. de combate, as posições das baterias, que os apoiam, são as proprias posições donde luctaram, si as circunstancias tacticas não aconselham um novo agrupamento de meios para o proseguimento do combate.

Material

O material mais apropriado á artilharia em P. A. (não se refere aos P. A. de combate) é o de 75, de campanha ou montanha.

Primeiramente, ha para isso uma razão de *mobilidade*: tomando a protecção pelos P. A. em sua phase mais interessante, isto é, durante a noite, é sabido que além dos fogos defensivos que forem organizados pela artilharia, a falta de observação não permite outra manobra de fogos; e, si a penetração inimiga consegue inutilizar os contra ataques das reservas dos P. A., é evidente que, a partir desse momento, a artilharia nada mais terá que fazer, porque qualquer improvisação será desastrosa; chega, então, o momento de «metter armões para a rectaguarda». Ora, o material de 155 ou 120 não é certamente o mais proprio para taes movimentos em situação critica.

Em seguida, devemos encarar a *economia de munições*: sabemos que os fogos da artilharia durante a noite batem a miudo *no vazio*, pela impossibilidade de uma observação que os ajuste aos bons lugares; pensando em taes gastos, convem não desperdiçar os projectis pesados que, sendo relativamente poucos na dotação de uma D. I., viriam a fazer falta em momento mais opportuno; os projectis de 155 pelo seu peso (perto de 50 kg. com a carga de projecção) são de remuniciamento difficil.

Missões

Antes de mais nada, é preciso ficar bem claro que não se póde attribuir a uma artilharia de apoio a P. A. toda a gamma de missões de fogos que se encontra no regulamento da arma; a escassa artilharia empregada nesse mistér não póde ir além das mis-

sões simples de apoio á infantaria em cujo proveito trabalha.

Seria razoavel fazer com ella a contra bateria, as interdicções longinquas? Mas, que é do avião de vigilancia para assinalar os locais a bater, ou o de regulação para ajustar os tiros?

Não é possível attribuir-lhe objectivos, fugitivos, inquietação, e toda a serie de fogos que vão buscar o inimigo lá muito profundamente nas suas linhas, ao mesmo tempo que fogos approximados cá na frente dos nossos proprios escalões, tudo para ser executado com 1 ou 2 pobres grupos de 75.

E' forçoso não se esquecer que, em geral, uma vanguarda que fez alto e que se transforma em P. A. tem atraz de si um grosso muitas vezes com elementos poderosos de artilharia e observação, si se quer tomar no devido apreço todas as manifestações de actividade do inimigo na sua zona de manobra; mas, para isso é preciso saber si as condições tacticas o permitem e, mesmo assim, si vale a pena.

Por exemplo, imaginemos o caso de uma V. G. que faz alto e passa a P. A. depois de ter já cahido a noite. Que poderá fazer sua artilharia?

Nada, absolutamente nada, porque não poderá ajustar seus fogos em parte alguma. O mais acertado será recolher-a ao grosso, para não a expôr aos contratempos de um ataque no escalão avançado e ali ficar como espectador sacrificado.

Si o alto se fez ao cahir da tarde, o pouco tempo de luz que lhe resta deve ser aproveitado no reconhecimento do terreno que irá bater e no ajustamento de alguns tiros da defesa que terá de executar á vista. Essa artilharia só funcionará si a linha de vigilancia for forçada e, então, entrará em jogo com suas barragens fixas, nos pontos eleitos pela infantaria amiga, quer em superposição aos fogos dessa, quer em prolongamento, nas zonas por ella batidas. Geralmente estes fogos se localizam nas linhas principaes para o *ataque á noite*, isto é, linhas bem definidas do terreno (estradas, ravinas, etc.) por onde o inimigo forçosamente terá que se approximar.

Mas, não se tenha illusões sobre as possibilidades desses fogos: Primeiramente, essas barragens serão lançadas *imediatamente* na frente dos nossos proprios escalões, porque, na escuridão da noite, só o contacto violento do inimigo accusará a sua presença em força e a sua intenção de varar o dispositivo de-

fensivo de nossas tropas; será inutil, então, imaginar barragens defensivas em pontos muito propícios na zona inimiga, onde evidentemente não estamos.

Em seguida, convém não esquecer que um grupo em barragem cobrirá no maximo 500 m. de frente; e o que representa isso como defesa ao longe dos kms. cobertos pelos P. A.? O que se tem a fazer é eleger 3 direcções essenciaes (tres estradas por ex.) para nellas empregar as 3 baterias do grupo de que fallamos, caso o ataque surja em toda a frente. Em seguida escolher uns poucos pontos importantes intermediarios para as barragens possiveis, caso o ataque venha nitidamente orientado em certas partes da frente. Por ahi se vê que o grupo terá como zona normal *tudo o sector de cobertura*; tanto quanto o permitta o terreno, as posições de bias, devem responder á essa exigencia.

Além disso é forçoso convir que os tiros da artilharia em P. A. durante a noite são tiros systematicos, realizados sem observação; resulta, então, que não *se bate o inimigo* e sim *o terreno*; si, por uma feliz coincidência, o adversario passa ali no momento, será o caso de congratulações bem justificadas...

Com esta exposição, mostra-se quanto é *complexa* esta cousa *simples* para a artilharia dos P. A.: «fogos de deter, sob fórma de barragens, immediatamente na frente dos P. A.» Agora, imagine-se si, na mesma occasião, o já tão occupado grupo terá tempo de bater uma ponte que deve estar sendo atravessada, uma estrada onde a circulação será naquella hora muito intensa, umas baterias que não se causam de nos hostilizar com seus projectis, etc...

Não; tal artilharia só poderá ser empregada naquelles pontos approximados, escolhidos não ao acaso, e sim mediante entendimento com os commandantes de infantaria que, afinal, são os mais responsaveis pela posse do terreno que occupam.

Podem ser previstas acções de artilharia nos contra ataques ordenados pelo commandante dos P. A., entrando em jogo com as suas reservas para a retomada dos pontos de apoio da linha de resistencia, isto é, dos P. P. Como esses P. P. se localizam em zonas bem distinctas do terreno (mamelões, garupas, etc.), uma vez perdidos, e com boas cartas, ou mesmo pelo transporte do tiro preparado ainda durante o dia, é possível uma concentração de todo o grupo sobre o accidente do terreno a reconquistar, seguida immediatamente do avanço das tropas de

choque. Todavia, as condições da intervenção da artilharia nesses contra-ataques á noite devem ser bem definidas, porque a natural confusão reinante no momenta poderá trazer graves consequencias ás tropas amigas.

Si os P. A. são estabelecidos ainda no correr do dia, então, além desses fogos de defeza approximada pôde-se pensar em estender os fogos mais profundamente na zona inimiga, com inquietação ou interdicção em pontos provaveis por onde elle fará sua marcha de aproximação. Aliás, neste caso o grosso, que estaciona, não ficará indifferente á aproximação adversa, e é bem provavel que a acção exclusiva da artilharia dos P. A. seja por pouco tempo, pois é natural que sejam constituídos novos agrupamentos de combate com as artilharias que deixam a situação de repouso.

Ligações

O serviço de P. A., no que respeita á infantaria, pôde ás vezes dispensar as ligações

telephonicas; mas, na artilharia não se pôde conceder tal dispensa; a razão é que a rede telephonica na artilharia é indispensavel ao tiro, que é o seu unico meio de acção.

Pôde-se mesmo dizer que o primeiro tiro não partirá enquanto não estiver estendido o fio telephónico para o observatorio de regulação, salvo naturalmente o caso em que esse observatorio se ache proximo ás posições das peças.

No que respeita ás ligações com a infantaria, é regra absoluta a juxtaposição do P. C. da artilharia ao do Cmt. dos P. A.

Além disso, é essencial que o foguete de *barragem* seja lançado em locaes bem reconhecidos durante o dia pelos artilheiros, que organizaram balizamentos precisos para os «vigias» durante a noite; as differentes direcções donde podem ser lançados esses foguetes definem as variadas barragens creadas no entendimento entre artilheiros e infantes.

CAP. SILIO PORTELLA.

A QUESTÃO DOS CAPELLÃES

Sabidamente, nossa Constituição republicana, preceitúa em seu artigo 72, § 7.º:

«Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia ou alliança com o governo da União ou dos Estados».

Nem de outra fórma poderia ser uma vez que estabelece no § 3.º do mesmo artigo:

«Todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para este fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito commum».

Estas determinações, que relegam para o fóro intimo de cada um a materia de crença religiosa que, nos tempos progressistas de hoje, a ninguem se pode impôr, são uma consequencia logica do § 2.º do citado artigo que diz:

«Todos são iguaes perante a lei».

Assim argumentamos porquanto si o Estado reconhecesse officialmente uma religião, sem duvida seriam outorgados a seus adeptos direitos que o não poderiam ser aos de outras, deixando portanto de ter execução o § 2.º referido.

Um alto criterio, guiado pelo ponto de vista superior da concepção da liberdade

individual em harmonia com as necessidades de uma acção coordenadora, que sempre deve ser exercida pelos Poderes Constituidos, que governam um povo, presidio á Assembléa Constituinte.

Assim assumptos, que pertencem á consciencia privada individual — a ella foram deixados, — estabelecendo o nosso instituto magno os direitos de livre pensamento e livre exercicio de culto a todos os Brasileiros.

Só desta fórma poderiam todos elles serem comprehendidos e beneficiados por uma mesma lei.

Em consequencia e como execução das disposições constitucionaes, acima transcritas, foram extinctos os capellães do Exercito e da Armada.

Claro assim tinha que ser, pois do contrario seria privilegiar os sectarios de uma religião com visivel desprestigio para os das outras.

Além disso, os quarteis prescindem da presença de quaesquer sacerdotes, pois nelles se vae, em um tempo sobremaneira curto (um anno) aprender a usar das armas, para prover á defesa nacional.

O exercicio do culto, qualquer que elle seja, poderá ser feito livremente nos logares

para este fim destinados (templos) nos dias de folga, de que sempre goza o soldado.

Quanto aos officiaes, a liberdade, que têm, lhes permittirá tempo de sobra para assistirem ás ceremonias religiosas extra-quarteis, focalizando, durante sua estadia em os mesmos, toda a sua attenção para o desempenho de sua profissão, mais que ardua, mais que difficil, quando bem comprehendida. Profunda heresia é o dizer-se que a profissão militar é incompativel com o catholicismo. Porventura será necessario a um catholico ouvir missa, commungar-se, ajoelhar-se diariamente diante de um altar?

As exigencias desta religião serão de tal ordem que o exercicio do seu culto obrigará fatalmente á transformação de cada quartel, estabelecimento creado unicamente para a aprendizagem da guerra, em uma igreja?

Cremos tal não é, e milhares de catholicos conhecemos, que não se acreditam sujeitos a tão pesados deveres.

Por outro lado, em face da sapiente liberdade de pensamento, estabelecida por nossa lei-base, haveria o Governo que attender ás solicitações dos crentes de outras seitas e teriamos, em cada caserna, um tempo não

pequeno, tomado com a celebração de ceremonias religiosas de varios cultos (catholico, protestante, judaico, positivista, etc., etc.) com a invasão não menor de um grande numero de sacerdotes, acarretando para o erario nacional, um augmento de despesa consideravel, a par das consequencias desastrosas para a disciplina, que seriam trazidas pelas controversias religiosas.

Assim, julgamos de todo o modo intempestiva a volta dos capellães ao Exercito e á Armada, devendo ficar como o estabeleceu a Republica, o assumpto religioso para a consciencia privada individual.

De ha muito que os poderes politicos não exercem mais, em geral a direcção religiosa, havendo uma separação completa entre poderes temporaes e espirituaes.

Para terminar, podemos ainda citar o que disse Jesus Christo, o grande reformador social de outros tempos:

«Dae a Cesar o que é de Cesar; a Deus o que é de Deus».

No quartel — o cumprimento do dever cívico; no templo — o do dever religioso.

A. PAMPHIRO

SERVIÇO DE SUBSISTENCIA EM CAMPANHA

(CONTINUAÇÃO)

MEIOS DE ACÇÃO DA INTENDENCIA

OS APROVISIONAMENTOS DE GUERRA

Com os effectivos modernos perdeu muito de sua significação, o aphorismo — «a guerra nutre a guerra» Hoje, as nações não entram em luta, sem estarem certas de encontrar immediatamente a subsistencia necessaria á enorme massa de homens subitamente mobilizados. Assim, a Administração Militar previdente deve reunir com antecedencia, os aprovisionamentos de toda especie de viveres para attender ás necessidades da mobilização; pois, é evidente, que esta operação militar, acarretando restricções ao commercio, industria e transportes, eleva o preço de todos os generos, tornando-os alem disto, raros e difficeis de reunir nesse periodo.

*

Estes *aprovisionamento de guerra*, mantidos desde a paz, constituem a primeira fonte

de recursos de que dispõe a Intendencia para satisfazer ás necessidades iniciais da guerra.

Desde logo se apresentam duas interrogações: quaes são estas necessidades iniciais? e, a que importancia devem attingir taes aprovisionamentos? E' claro que a resposta exacta a estas interrogações, é de ordem confidencial. Ao E. M., por seu serviço de mobilização, cabe determinar o emprego e quota dos aprovisionamentos de guerra, de accôrdo com as necessidades da passagem do pé de paz para o pé de guerra; entretanto, existem principios geraes, que podem e devem ser conhecidos e discutidos abertamente.

Assim, os aprovisionamentos cuja existencia se impõe desde o tempo de paz, são: em pr meiro lugar, aquelles que se destinam ao fornecimento dos viveres de reserva, de que a tropa deve ser immediatamente provida durante a mobilização e que seria difficil, sinão impossivel reunir neste periodo; ao lado destes, os aprovisionamentos destinados á

alimentação dos reservistas, em cada centro de mobilização; pois, seria incuria esperar sua chegada a estes centros para, só então, adquirir os generos necessarios á sua nutrição. E', no mesmo modo, imprescindivel, prever a alimentação dos homens, durante as viagens de estrada de ferro e ao chegarem ás respectivas bases de concentração. Finalmente, é preciso ainda, organizar armazens destinados: a attender a substituição das reservas consumidas, e a enviar diariamente os viveres necessarios ao exercito e praças fortes,

Estes armazens, installados na visinhança de estações importantes da via ferrea que terá de fazer a comunicação com os presumiveis locais dos exercitos, denominam-se *Estações Armazens*.

As Estações Armazens devem sempre dispôr de um STOCK de guerra, chamado de *segurança*; mas, a cifra total de sua riqueza depende de considerações de ordens diversas; pois, representam ellas a maior parte dos aprovisionamentos e absorvem a quota mais consideravel dos creditos distribuidos para este fim. Evidentemente, a prudencia acha-se mais satisfeita quando ha abundancia de recursos á disposição da tropa; entretanto, esta abundancia é onerosa, pois uma vez adquiridos os aprovisionamentos, o Estado perde annuálmente o juro da somma que elles representam, bem como o aluguel ou a amortização dos locais onde são conservados.

«Assim, mesmo para attender ás primeiras necessidades da mobilização, não se poderá manter a totalidade de STOCKS necessarios» que attingiriam a um volume e importancia consideravel; alem disto, as rações de reserva, compondo-se de conservas, chocolate, pão de guerra, etc., cujo tempo de conservação é limitado, ser-se-ia obrigado, antes que estes generos attingissem o limite de conservação, a fazer sua distribuição pelo effectivo de paz; a boa alimentação do soldado não ficaria comprometida, mas, tornar-se-ia muito mais cara visto como as conservas, no momento de sua distribuição teriam um valor muito superior ao da alimentação comum.

Seria imprudencia concluir destas considerações, que se não deva manter nenhum STOCK de viveres de reserva. Ellas visam apenas, mostrar a necessidade de reduzir sua importancia, modificando mesmo sua composição de accôrdo com as circumstancias em que deva se encontrar a tropa em cada caso

particular, com a missão que lhe é reservada, recursos do commercio local, facilidade de transportes em relação aos centros produtores e qualquer outra circumstancia. Quando se reconhecer a imperiosa necessidade de, em certos casos, manter STOCKS especiaes, se não deve hesitar, seja qual fôr o preço destes STOCKS; pois, si «em tempo de paz, a economia é a primeira lei, em campanha, é a ultima. Apesar de todas as prodigalidades imaginaveis, sempre se é bastante rico após a victoria; ao passo que, economia e parcimonia, só mesmo, depois da derrota, para satisfazer á cupidez do vencedor».

Destas considerações pode-se concluir o seguinte;

«Os aprovisionamentos de toda especie poderão ser reduzidos, de tudo aquillo, que se tenha reconhecido susceptivel de ser produzido por uma actividade intensiva, desde os primeiros dias da guerra».

«Bastará manter em armazens os STOCKS necessarios á entrada em campanha e á vida da tropa, durante um certo numero de dias, que á Alta Administração cumpre fixar».

Para isto conseguir, é necessario, que a Administração Militar se apodere, desde o início da campanha, por compra ou requisição, e de uma maneira methodica, de uma grande parte dos generos disponiveis ao paiz, si, desde a paz, se reconhecer a existencia destes generos, e bem assim, que os meios de adquiril-os e transportal-os rapidamente são previamente garantidos. Para os generos cuja quantidade no commercio corrente seja reconhecida insufficiente, taes como pão de guerra, conservas de carne, etc., se organizará, desde o começo da mobilização, uma produção intensiva nas usinas alugadas ou requisitadas para este fim, e, para ellas far-se-á affluir todos os recursos, em pessoal e generos, para elevar a produção ao maximo possivel.

Estas operações devem ser previstas e preparadas em seus menores detalhes, pelo Serviço de Reabastecimento Nacional, dirigidas por um intendente da guerra com o concurso da administração civil.

Graças a estas providencias, poder-se-á diminuir consideravelmente o valor dos aprovisionamentos, tornando sua manutenção, desde a paz, menos onerosa ao Estado: no entretanto, é preciso não esquecer que os recursos do Reabastecimento Nacional são apenas uma probabilidade e não uma certeza.

Resumindo, a organização de nossos aprovisionamentos deve constar:

De um lado, na conservação de aprovisionamentos nos centros de mobilização, destinados a serem retirados para consumo no local, ou para serem levados pela tropa, em seu equipamento, de que, por assim dizer, elles fazem parte.

De outro lado, aprovisionamentos reunidos em um numero restricto de Estações — Armazens destinados a satisfazer ás necessidades do exercito em campanha, desde o inicio de guerra.

Emfim, disseminado por todas as localida-

des do paiz, onde os processos de fabricação, reunião e expedição tenham sido previstos, em todas as suas minucias, por uma cuidadosa estatística, todos os recursos do territorio nacional prestes a vir successivamente, recompletar as estações-armazens, á medida que ellas forem esvasiando sua riqueza, de modo a manter estas, sempre ao mesmo nivel.

Tte. Cel. ACACIO FARIA CORREA

Intendente de Guerra

Pontoneiros em acção

O 1.º B. E. possúe actualmente duas equipagens de pontes: uma, nacional, confeccionada no nosso Arsenal de Guerra, que exhibe em seu conjunto o esforço e a dedicação do operariado brasileiro e o trabalho e estudo de quem a projectou; outra, franceza, fructo da experiencia de um povo forte e aguerrido. Desde que esta foi adoptada em nosso exercito, começaram a surgir muitos adeptos desta e outros tantos daquella e dahi a pergunta:—Qual será a melhor? E' a esta pergunta que me proponho responder, dizendo, á priori, que ambas são boas, havendo em todas duas vantagens e inconvenientes.

Tive a felicidade de servir na Companhia de Pontoneiros, que acaba de chegar da Barra do Pirahy, onde colhi valiosos ensinamentos, dos quaes vou lançar mão para fazer uma rapida e despretenciosa comparação, citando os inconvenientes e as vantagens dos dois materiaes, com a maior imparcialidade.

Primeiramente se torna mister fazer uma citação dos dados numericos de um e de outro material, afim de que o leitor possa jogar com esses preciosissimos elementos. O material brasileiro de pontes de uma D. I. é transportado em 30 viaturas technicas atreladas a 6 animaes.

Estas 30 viaturas se distribuem assim:

- 24 carros meios pontões;
- 4 carros de cavalletes;
- 2 carros de reserva.

Este material permite construir:

- a) uma ponte normal de 76^m,50 de extensão maxima, com 3 metros de largura

(via), permitindo passagem ás tropas da D. I. com os seus cavallos e viaturas atreladas até o peso maximo de 2.500 kilos;

b) uma passadeira ou pinguella de 130^m,50 de extensão maxima, com uma largura de via de 1^m,50, permitindo a passagem á infantaria por 2, á cavallaria por 1 e a viaturas ligeiras desatreladas até o peso maximo de 1.500 kilos;

c) portadas de 2 e 3 pontões, para o caso em que a largura do curso d'agua exceda á que permite o material ou para as cargas que excederem á resistencia das pontes, tendo uma capacidade de carga de 5 e 8 toneladas respectivamente.

Principaes dimensões do nosso material:

<i>Meio barco</i>	(comprimento.....	4 ^m ,00
	(largura.....	1 ^m ,50
	(altura.....	0 ^m ,70
	(peso.....	360 kgs.
<i>Poder fluctuante</i>	(como embarcação (não empre-	
	(gado); como suporte 1800 kgs.	
	(calando 0 ^m ,50.	
<i>Barco inteiro</i>	(comprimento.....	8 ^m ,00
	(largura.....	1 ^m ,50
	(altura.....	0 ^m ,70
	(peso.....	720 kgs.
<i>Poder fluctuante maximo</i>	(como embarcação: 4500 kgs.	
	(como suporte: 3500 kgs.	
<i>Longarinas: perfil de igual resistencia:</i>		
	altura constante.....	0 ^m ,15
	secção media.....	0 ^m ,15 × 0 ^m ,12
	comprimento.....	4 ^m ,65
	peso.....	50 kgs.

Pranchões :

dimensões $3^m,60 \times 0^m,30 \times 0^m,03$
 peso 20 kgs.

O material francês de pontes de uma D. I. é transportado em 18 viaturas técnicas atreladas a 6 animaes.

Estas viaturas se distribuem assim :

- 8 carros pontões ;
- 6 carros de parque ;
- 1 carro barquinha ;
- 1 carro de cavalletes ;
- 1 carro de reforço ;
- 1 carro propulsor.

O material acima permite construir :

- a) uma ponte normal de $63^m,80$ de comprimento, permitindo a passagem ás tropas da D. I. até o peso máximo de 3.500 kilos ;
- b) portadas de 2 e 3 pontões.

Principaes dimensões do material francês :

Pontão (comprimento $8^m,55$
 (largura $1^m,70$
 (altura $0^m,80$
 (peso 840 kgs.

*Poder flu- (como embarcação : 5000 kgs.
 ctuante (como suporte : 4500 kgs.
 máximo*

(de $8^m,00 : 0^m,12 \times 0^m,12$; peso
 50 kgs.
Vigotas (de $6^m,30 : 0^m,12 \times 0^m,12$;
 (de $4^m,00 : 0^m,12 \times 0^m,12$;
 (de $2^m,00 : 0^m,12 \times 0^m,12$;

Pranchões : $3^m,90 \times 0^m,333 \times 0^m,04$; 2 travessas em ganzepe ; 4 entalhes para passagem das cordas do roda-pé.

Dados esses elementos, podemos agora fazer as seguintes observações geraes :

a) o material francês é transportado em menor numero de viaturas do que o brasileiro, donde a economia de arreios, de cavallos e sobretudo de conductores ;

b) a equipagem franceza possui um propulsor amovivel e uma barquinha, que permitem transportar as tropas de cobertura da ponte muito facilmente ;

c) que, sendo cada meio pontão brasileiro transportado numa viatura especial com o material para um lance, esta viatura transporta peso identico ás do carro pontão francês ;

d) havendo um só comprimento de vigotas (longarinas) na equipagem brasileira torna-se a construcção da ponte muito rígida, ao mesmo tempo que as vigotas da equipagem franceza possuem $4^m,00$, $6^m,00$ ou $8^m,00$ de comprimento, facilitando a sua construcção.

Na Barra do Pirahy tivemos o seguinte caso pratico: Estavamos acampados na ilha do Assumpção e queriamos construir uma ponte de equipagem brasileira, que ligasse esta ilha á estrada, que corre entre a R. S. M. e a margem esquerda do Parahyba.

Lançamos mão da formula usada pelos introductores do material :

$$\text{Comprimento} = (\text{n. de supports} + 1) \times 4^m,50. (*)$$

Estavam lançados seis pontões, quando de romaria chega a nossa cavallhada do campo; tínhamos necessidade premente de acabar a ponte rapidamente, pois a cavallhada, onde se achava, não podia permanecer muito tempo. Foi ancorado e lançado o 7.º suporte, mas mesmo assim não se alcançou a segunda margem, por ser o rio de 38^m e só termos até este suporte 36^m . —era pouco.—Ancorou-se o 8.º pontão —foi de mais,—tínhamos que cavar $2^m,50$ para assentarmos o 2.º encontro, n'um logar onde isto se não podia fazer, por ser á beira de uma estrada de rodagem. Para ganharmos tempo retiramos o 8.º pontão e com o auxilio das vigotas francezas terminamos de chofre a ponte e a cavallhada passou sem novidade.

Em campanha, quando não se pudér medir exactamente a largura do rio, para se determinar o numero de supports, a ponte se tornará muito mais morosa. Todas as vezes que não se conhecer mathematicamente a largura do rio, não poderemos jogar com os dois encontros para corrigirmos á falta ou ao excesso de longarina e sim com um encontro sómente.

e) que constitue uma desvantagem para a ponte brasileira ter a longarina de $4^m,65$ de comprimento um peso de 50 kgs., ao passo que com o mesmo peso uma vigota da equipagem franceza tem $8^m,00$ de comprimento.

f) que para um vão de 38^m foram necessarios oito pontões brasileiros com lances de $4^m,50$ ou seis pontões francezes.

g) que ambas as equipagens gastam 45 á 55 minutos para a sua construcção e 16 á 24

(*) Comprimento do lance ou das longarinas sem garras.

para o seu levantamento, dependendo tudo do adestramento do pessoal.

h) que, sendo as vigotas (longarinas) da equipagem brasileira de perfil de igual resistência e providos de garras, difficil se torna a sua substituição n'um caso imprevisto, ao passo que as vigotas francezas facilmente podem ser substituidas, devido a natureza pratica do seu material em conjunto.

i) uma das vantagens da equipagem brasileira é permittir o lançamento de uma passadeira de 130^m,50. Esta vantagem é debellada, si nos lembrarmos que para passar a infantaria por 2 e a cavallaria por 1, basta uma passadeira construida com os saccoes Habert.

j) a vantagem magna da equipagem franceza é supportar mais uma tonelada do que a brasileira.

Feitas, que foram, estas considerações, passemos á questão dos transportes.

Transportes. Fizemos diversas marchas com os dois materiaes e notamos que, com o material francêz, só se pôde fazer curvas de raio muito grande e que o material brasileiro, muito mais manejavel, se adapta perfeitamente ao nosso caso (más estradas).

A madeira de que são feitos os montantes do carro pontão francêz, é muito fragil e por isso, sempre que o material era usado, os montantes se rachavam, se esfacelavam, tornando-se perigoso o seu transporte.

No material brasileiro são as molas que foram mal preparadas e por conseguinte se quebram a um choque mais ou menos violento.

O pontão francêz, sendo transportado emborcado, dispensa a capuxana do brasileiro, a qual é feita de lona e serve para abrigar o pontão da chuva, poeira, etc.

Quanto ao transporte acho que o material brasileiro está acima do francêz, por ser muito mais manejavel.

Carregamento e descarregamento. O carregamento e o descarregamento do pontão nacional é feito por 10 homens, os quaes fazem deslizar por sobre duas longarinas collocadas em rampa, com uma das extremidades apoiada no recavem do carro. Esta manobra é muito facil e demanda muito pouco tempo. O pontão desce directamente para dentro d'agua.

A mesma manobra, feita com o pontão francêz, necessita 20 homens fortes; é feita com muita difficuldade e gasta muito tempo. Algumas vezes succede se quebrar a vigota que se utiliza para a manobra, machucando

os homens que fazem a carga ou a descarga; para desaparecer esta difficuldade eu proponho que se fizesse uma vigota mais resistente, a qual só seria utilizada para o carregamento do pontão.

Navegação. A navegação feita com o pontão francêz, é muito mais vantajosa.

Os pés de carneiro, existentes no pontão nacional, não permittem que os remadores tomem uma posição segura e estavel.

Acho que os homens devem remar de pé, como no pontão francêz, com excepção do piloto, porque em caso de safar o remo o homem se abaixará e nada succederá, ao mesmo tempo que, si o remador do pontão nacional «enforçar o remo», isto lhe poderá ser fatal, porque, uma vez que não encontre apoio, cahirá para traz, podendo quebrar a cabeça ou se magoar muito de encontro á travessa seguinte ou ao paneiro da pôpa.

O meio pontão brasileiro deverá ser confeccionado do mesmo modo que o pontão francêz, completamente aberto, afim de facilitar a navegação.

Pontagem. Qualquer que seja a velocidade de um rio, a ponte de equipagem pôde ser lançada, dependendo tudo da ancoragem; —é a opinião do meu commandante, capitão Bentes Monteiro.

A fateixa do material nacional é muito leve e por isso não ancora sufficientemente o pontão.

Em Barra do Pirahy nos succedeu o seguinte: «Estavamos construindo uma ponte de equipagem pelo methodo de pontões successivos, quando se notou que um pontão estava um pouco para jusante e para se corrigir esta falta, mandou-se um auxiliar sulecar a amarra da ancora do dito pontão; foi com grande surpresa que vimos ao envez do pontão ir para montante, ser a fateixa que vinha para jusante. Resultado: o pontão foi ancorado com o auxilio da barquinha da equipagem franceza, com uma ancora da mesma equipagem e em seguida recolhida a fateixa.

Um ponto que julgo fraco na equipagem brasileira, apezar de pratico, é a ligação entre dois meios pontões; esta ligação deve ser estudada prevendo-se o caso das substituições.

As traversinas e longarinas da equipagem brasileira devem de uma vez para sempre serem condemnadas; são muito rigidas, muito pesadas e dão pouco rendimento.

Devemos adoptar as vigotas francezas apoiadas directamente no pontão, sendo as ligações feitas com cordas.

Os dormentes do encontro devem ser também do typo francêz, por serem muito mais solidos.

O taboleiro da ponte franceza, sob o ponto de vista pratico, é melhor do que o nacional.

O travamento da ponte nacional parece-me melhor do que o da franceza. Porque:

1º é feito mais rapidamente;

2º não deixa saliencias e reentrancias, como na franceza, que occasionam, as vezes desastres nas pontes. Uma vez uma viatura ia passando na ponte, quando um dos cavallos se assustou por qualquer cousa e jogou uma das rodas dianteiras da viatura de en-

contro ao rodapé; arrebentou a corda do arrocho que ligava as duas vigotas e por uma felicidade não foi a viatura dentro do rio. Este facto, tenho certeza, que não succederia, si a ponte franceza tivesse o rodapé da nacional.

Si adoptarmos as vigotas francezas com o rodapé nacional, é conveniente nos utilizarmos de uma vigota de 4^m,00, que se collocaria no meio do lance, ponto de maior flexão na flexão.

Para quem não lidou com o material, vendo as duas pontes armadas se agradará mais da brasileira, que é muito mais sympathica e imponente:—vence na esthetica.—

TENENTE LIMA FIGUEIREDO

UM ESQUADRÃO DE CAVALLARIA EM DESCOBERTA

(Da Revue de Cavallerie — Cap. Dame — Trad. de N. V.)

(CONTINUAÇÃO)

A JORNADA DE 20 DE MARÇO

a) *A marcha para St. Quentin. Combate de Savy. A situação ás 8 horas.*—Ao clarear do dia, o esquadrão deixou Ham, para recommençar suas investigações na direcção de Saint Quentin.

Após transpôr a linha de nossa infantaria, detido a meio caminho entre Ham e o engenho de Aubigny, elle avançou pela grande estrada e de um só lance sobre Rouppe, coberto por um pelotão da vanguarda—o pelotão Rolland—e por duas patrulhas de flanco, uma á direita, pelo valle do Somme, e outra á esquerda, entre Beauvois e Etreillers.

O destacamento parou ao chegar á cidade, e, da orla NE, para onde avançou sob a protecção de sua vanguarda, o capitão commandante avistou uhlands em sua frente, no planalto da cota 138, á oeste de St. Quentin, e na cinta que termina em Dallon.

Além disso, as patrulhas de flanco lhe as-signalaram, da direita—infantaria inimiga em Serancourt-le-Grand, a da esquerda—patrulhas de uhlands entre Beauvois e Etreillers.

Querendo completar essas informações pelo reconhecimento de Savy, elle destaca para ali um sub-official, sargento Lambert, e 4

soldados. Mas, cega por uma tormenta de neve, a patrulha foi bater contra a orla da cidade, sendo fuzilada a queima-roupa.

O couraceiro Quentin foi ferido mortalmente e os cavallos dos soldados Morel e Tostain foram mortos, durante seu retorno a patrulha recebendo tiros de obuzeiros 105.

Esse primeiro conhecimento da situação foi immediatamente transmittido ao commandante pela informação seguinte:

« Informação n. 4.

(Expedido ás 8 h. de Rouppe)

I — A região Ham—Rouppe evacuada pelo inimigo.

II — Fracções de infantaria inimiga assignaladas em Serancourt-le-Grand.

III — Numerosas patrulhas de uhlands na linha Beauvois—Etreillers—Savy—Dallon.

b) *O commandante da descoberta tem a impressão de achar-se deante da posição inimiga. Sua decisão de dar um golpe de sonda directamente sobre Saint Quentin. Abandono dessa decisão*—O esquadrão se conserva em Rouppe, de onde seu chefe continúa a observar.

O terreno ao norte da estrada N^{le} n. 30 sóbe na direcção oeste de St. Quentin até o

planalto da cota 138. A' excepção das escarpas oeste de 138, que encerram o bosque de Savy e os accidentes que o prolongam ao sul, nada se oppõe á vista senão cobertas sem importancia.

Nenhuma organização defensiva visivel se revela por esse tempo brumoso, mas apezar disso o capitão com mandante deve verificar se os boatos dos habitantes de Ham são exactos, isto é, se o inimigo faz grandes obras nessa região.

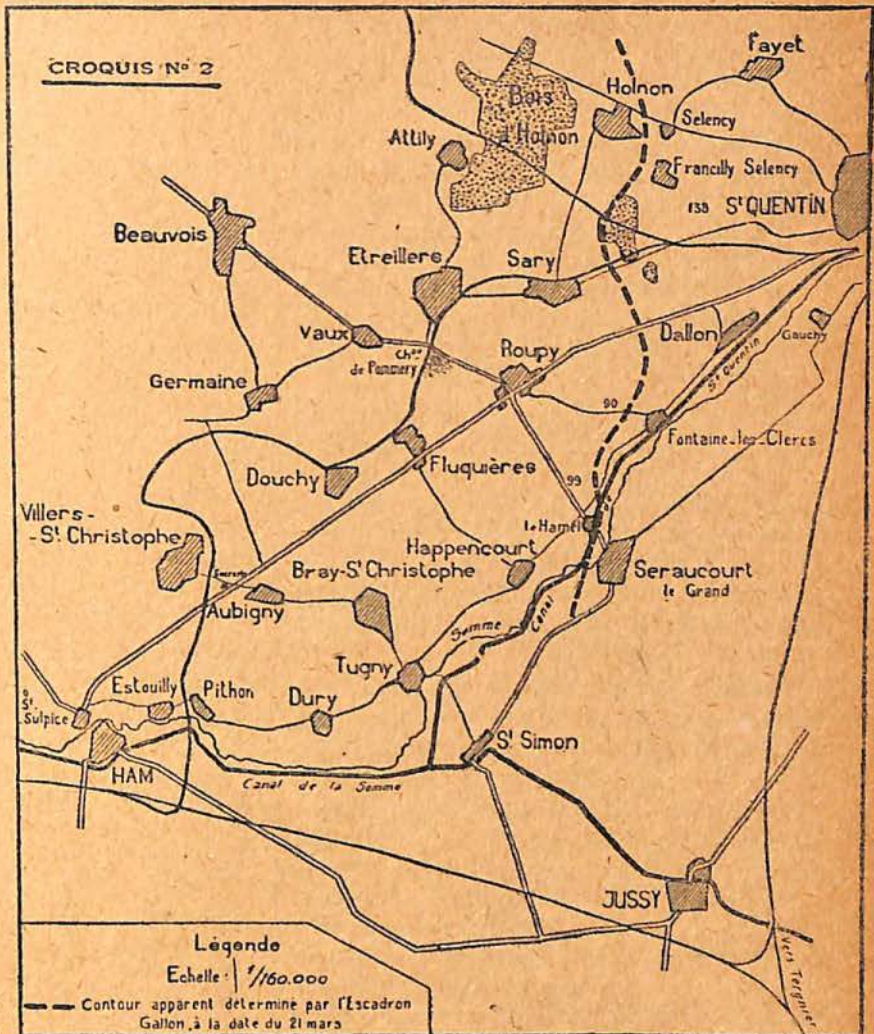
Sua intenção é, portanto, progredir directamente para St. Quentin pela grande estrada, mas, dissipando-se as brumas, elle percebe a lèste do bosque de Savy um grupamento de uhlands que elle avalia em 2 esquadões. Sabendo, além disso, que ha infantaria no valle do Somme, elle se arriscaria a ficar engarrafado, se executasse seu projecto, de modo que renuncia a elle.

c) *Tentativa no valle do Somme. O inimigo se revela forte. Combate de*

Hamel — Não podendo abordar Saint Quentin de frente, o commandante do esquadrão de descoberta se propõe approximar-se pelo valle e decide reconhecer primeiro a força do inimigo que occupa as povoações situadas sobre o Somme, depois subir, se possivel, para a cidade, utilizando as ondulações do terreno que terminam em Fontaine-les-Clercs e Dallon.

Foi ordenado, por isso, a um pelotão — tenente Rolland — de marchar para Le Hamel e Serancourt-le-Grand.

Mas, logo que essa unidade attingio ás encostas N. O. da cota 99, appareceram infantantes na cinta e ahi se reforçaram rapidamente. De outro lado, a patrulha do sargento Comtoir, destacada á esquerda para a cota 90, não conseguiu senão pela astucia afastar 2 patrulhas de uhlands, ambas mais fortes que ella, e a do sargento Lambert, que fôra des-



REGION ENTRE HAM ET SAINT-QUENTIN

tacada á direita, foi surpreendida pelo fogo de uma metralhadora; o couraceiro Jourde foi morto, o sargento Lambert e o couraceiro Chapillon foram feridos. O cavallo do couraceiro Jourde foi morto e os dois outros do grupo feridos.

Emfim, a artilharia allemã, collocada em flanqueamento do valle, desencadeia um violento fogo de barragem a obuz de 105 entre o pelotão engajado e a estrada. Nessas condições, o capitão commandante faz cessar o combate e ordena ao pelotão que se reúna ao resto do esquadrão (1), sempre ao sul de Roupy, bombardeado pelo inimigo com 77 e 105, apenas um cavallo sendo ferido nesse bombardeio.

Mesmo ahi, o esquadrão foi retido por uma cortina que não pôde romper.

(1) Esta ordem foi levada pelo ajudante Tiney e o clarim Bonamy, que atravessaram a barragem de artilharia.

Com as informações que lhe forneceram desde manhã todas essas operações, seu chefe pôde determinar um contorno apparente balizado por Beauvois, Etreillers, Savy, cota 138, Dallon, Serancourt-le-Grand, mas foi somente no valle que elle tomou contacto com uma infantaria apoiada pela artilharia. Elle concluiu, que se achava deante da nova linha allemã organisada nas vizinhanças de Saint Quentin. O conhecimento minucioso do terreno pela artilharia inimiga confirma sua opinião, e, entretanto, se é certo que o esquadrão se approxima, elle não está, contudo, ainda em contacto com a posição «Hindenburg».

E' bom resaltar aqui, quanto seria util munir o capitão commandante, em sua partida, de cartas em dia e de photographias, para permittir-lhe «fixar» suas observações nas grandes linhas do *canevas* de conjunto fornecido ao exercito pela aviação e de assentar suas decisões para a procura de informações em bases mais solidas do que as declarações de habitantes.

Na situação em que elle se encontra, não remedeia o «vacuo», em que opera, senão pelas qualidades particularmente desenvolvidas de iniciativa e de decisão,

d) *Sondagens a oeste e nordeste de Saint Quentin.* — Assim bloqueado no valle, elle considera que sua operação sobre Saint Quentin é mais arriscada ainda que precedentemente, e, á vista do que sabe, muito menos necessaria. Por isso, decide elle sondar o terreno a oeste e a noroeste dessa cidade, para procurar ali tambem o contacto da infantaria inimiga.

Pelo meio da tarde, elle considera o momento favoravel e avança seu esquadrão para o parque do castello de Pommery, de onde destaca um sub-official, o sargento Courads, e 5 soldados em reconhecimento sobre Etreillers, Savy e o bosque de Holnon, com a missão de ver: 1.º, se o inimigo ainda está em Savy; 2.º, se elle occupa o bosque de Holnon; 3.º, se foram executadas obras nesse bosque, particularmente na orla sul, no extremo da qual parecem dispostos abatizes.

Esse reconhecimento constata que Savy não tem inimigos, mas não pôde penetrar no bosque de Holnon. Pôde, porém, verificar que os abatizes são sem importancia e que a orla sul não está organisada. Ao cair da noite, no serviço de patrulha sobre o Hamel, o aspirante de Rohan Chabot teve um cavallo morto.

Não dispondo mais de viveres nem de forragens, e nada podendo achar no local, o esquadrão foi obrigado a regressar e passar a noite em Ham, tendo encontrado em caminho um destacamento de 50 homens do 20.º de Couraceiros, sob o commando do capitão Guiroye, que ia apoiar-o, com o qual combinou reunir-se na manhã seguinte no engenho de Aubigny.

Chegando a Ham, elle enviou a informação seguinte, relatando as operações do dia:

« *Informação n. 5.*

(Expedida ás 21 h. 30 m. de Ham)

I — Foi feito reconhecimento sobre o Hamel pela manhã, visando constatar a situação das fracções de infantaria assignaladas em Gran—Seracourt.

O tenente Rolland, com seu pelotão, engajou um combate a pé contra os elementos inimigos que occupavam o terreno da cota 99 a noroeste de Hamel. A infantaria inimiga ali mostrou-se forte. Nenhuma organização defensiva séria foi constatada entre Le Hamel e Fontaine-les-Clercs.

II—Em seguida a essa operação, o inimigo bombardeou Roupv e adjacencias com obuzes de 77 e de 105. O terreno parece estar estudado minuciosamente.

III—Numerosos trens circulam na linha de Saint Quentin a Tergnier (ruído e fumaça).

IV—*a)* Grupos de cyclistas e de uhlands são vistos na região entre Beauvois e Saint Quentin;

b) Savy não está mantida pelo inimigo;

c) Uma das minhas patrulhas esgueirou-se até á orla sul do bosque de Holnon (6 km. O. de St. Quentin). Essa orla não está organisada. A patrulha não pôde ir adeante. Pretendo sondar essa região amanhã.

V—Os habitantes de Ham dizem que os allemães têm uma forte organização defensiva nas immediações de St. Quentin e que a região a leste desta cidade está cultivada.

VI—*a)* O estado do local, bem como a falta de aprovisionamento em viveres e forragens, obrigam-me a pernoitar em Ham, de onde partirei amanhã ás 4 h. 45;

b) Peço ser reabastecido a 21 de Março por Ham.

VII—Feita a junção com o destacamento de Guiroye.»

A JORNADA DE 21 DE MARÇO

a) Nova tentativa no valle do Somme em Fontaine-les-Clercs. O esquadrão deve re-

nunciar á passagem sobre a margem leste. — Como foi combinado na vespera, os dois destacamentos se encontraram no engenho de Aubigny, pouco após romper o dia. O capitão Guiroye está munido de uma ordem do general commandante da 1.^a D. C., prescrevendo-lhe tentar com o esquadrão Gallon a passagem do canal de St. Quentin por Fontaine-les-Clercs, e, para isso, são fixadas as disposições seguintes: enquanto o esquadrão Gallon atacar a cidade em direcção oeste-leste, por Roupy, o destacamento Guiroye subirá o valle do Somme por Happencourt e Le Hamel, para abordar a povoação pelo sul.

O esquadrão, coberto por um pelotão em Savy, deixa seus cavallos no parque do castello de Pommery e inicia seu ataque a pé pelo eixo Roupy — cóta 90.

Um sub-official, o sargento Blanc, destacado em patrulha sobre a direita, dá conta que o Hamel está evacuado, mas que Sérancourt-le-Grand e Fontaine-les-Clercs estão occupados. Emfim, o capitão Guiroye informa que acaba de receber ordem de reunir-se á 2.^a Brigada de Couraceiros em Villesilve.

Nestas condições, o esquadrão não está mais em condições de attingir Fontaine-les-Clercs. O que o capitão viu lhe confirma, entretanto, nitidamente, sua impressão da vespera sobre a occupação do valle. Por isso, elle cessa o combate.

b) *Reconhecimento da posição allemã a O. e N.O. de Saint Quentin.* — O esquadrão reúne seus cavallos para ficar em condições de apoiar o pelotão de Savy, que, além de sua missão de cobertura, recebeu ordem de determinar os pontos de apoio occupados pelo inimigo entre a estrada de Roupy a Saint Quentin e a cidade de Holnon (inclusive).

Impellindo suas patrulhas, a pé sobre o bosque de Savy e a cavallo para o bosque de Holnon e para Francilly — Selency, o chefe do pelotão — tenente Arexy — verificou que o bosque e a cidade de Holnon estão livres do inimigo, ao passo que Francilly — Selency e o bosque de Savy estão solidamente organizados (1).

Esta situação lhe foi confirmada por um habitante da região, que lhe deu informações

preciosas sobre o traçado das posições allemãs em torno de St. Quentin.

Além disso, foi tomada a ligação em Germaine com a cavallaria britannica.

c) *Ultima informação enviada. Fim da missão.* — O capitão pôde então, á tarde, enviar ao Commando as importantes informações seguintes:

« *Informação n. 6.*

(Expedida ás 15 h. de Roupy).

I — a) Em cumprimento de ordem comunicada pelo cap. Guiroye, tomei desde manhã minhas disposições para tentar passar o canal de St. Quentin para Fontaine-les-Clercs, coberto em Savy pelo pelotão Arexy.

O destacamento do cap. Guiroye devia subir o Somme por Happencourt.

A operação não pôde ser proseguida, todas as cristas estando bombardeadas.

A artilharia allemã atirou mesmo sobre os isolados.

b) Grand — Serancourt e Fontaine-les-Clercs estão ainda occupados por fracções de infantaria inimiga e ha metralhadoras no canal.

O inimigo evacuou Le Hamel (parte situada a noroeste do canal e as pontes estão destruidas).

II — a) Uma patrulha do pelotão Arexy chegou ás immediações de Francilly — Selency, que estão occupadas pela infantaria inimiga;

b) O planalto 138, entre Francilly — Selency e a estrada de St. Quentin a Ham, está sempre percorrida por patrulhas de uhians;

c) O bosque de Savy está mantido por metralhadoras. Ha circulação muito activa de homens a pé e a cavallo entre Francilly — Selency e esse bosque.

A patrulha do aspirante Rohand-Chabot esmerilhou o bosque de Holnon, que foi evacuado pelos allemães. Ha, porém, um canal recentemente perfurado a uns 50 metros no interior da orla azul. No bosque, grandes picadas orientadas leste-oeste e de uns 40 metros de largura estão barradas por uma multidão de troncos de arvores.

Não ha inimigos na aldeia de Holnon.

III — Numerosos trens continuam a circular na linha Saint Quentin — Tergnier.

IV — Informações dadas ao tenente Arexy pelo proprietario da herdade De Pontcher (1,5 kms. ao N. de Urvillers):

(1) No decurso do reconhecimento a pé nas orlas do bosque de Savy, o espião Gallé se distingue por sua energia e iniciativa. Esqueirando-se através do terreno, conseguiu aproximar-se de uma metralhadora allemã, que não tardou a desmascarar-se. Esta peça, tendo aberto fogo, as outras metralhadoras que occupavam o bosque começaram igualmente a atirar, o que permitto ao tenente Arexy constatar que o bosque estava fortemente guarnecido.

a) uma linha de trincheiras se estende de Francilly — Selency para Gauchy—côta 121—Itancourt—Mezières—Sur-Oise;

b) Uma linha muito mais forte existiria nas imediações léste de St. Quentin.

Muitos civis terão trabalhado nesta organização durante varios mezes.

V—Ligação feita com a cavallaria ingleza em Germaine.»

Esta informação foi a ultima enviada pelo capitão Gallon. Sua missão terminou. A tarde, de facto, um outro esquadrão do 1.º de Couraceiros veio rendel-o e elle se reunio no dia seguinte á sua brigada em Villesilve.

Observações

A) DISTANCIAS PERCORRIDAS

1.º A 17 de Março, de Hetormenil (campo de Crevecour) a Esserteaux.....	25 km.
2.º A 18 de Março, das 11 ás 20 h., de Esserteaux a Davenescourt	30 km.
3.º A 19 de Março, de 0 a 18 h.	54 km.
4.º A 20 de Março.....	28 km.
5.º A 21 de Março.....	26 km.
Total.....	163 km.

B) 1.º Todas as informações foram transmittidas por estafetas e chegaram nas condições normaes de tempo.

A conducta do estafeta Bertrand, portador da informação n. 4, merece ser assignalada. Esse cavalleriano achou em Ham o canal do Somme cheio d'agua, os allemães tendo aberto as represas á montante. Não podendo passar a cavallo, a passagem não sendo possível senão por uma pinguella improvisada, Bertrand confiou seu cavallo á municipalidade de Ham e passou para a margem sul, onde obteve de um destacamento do 13.º de Hussards um cavallo, com o qual pôde atingir muito rapidamente seu destino.

2.º O cap. commandante dispunha de 2 pombos. Considerando a impossibilidade em que se pudesse encontrar de continuar a assegurar a transmissão das informações por estafetas, guardou-os em reserva.

C) 1.º Antes de deixar o regimento na noite de 18 para 19 de Março em Davenescourt, o equipamento tinha sido alliviado de tudo quanto não fosse preciso no curso da missão: a tunica, a escova, o segundo par de borzeguins, a rascadeira e a escova do cavallo.

O sacco de distribuição apenas continha 1 calção, 1 camisa, 1 flanela, 1 lenço e 1 par de meias.

Convém observar que a maior parte dos objectos deixados, que tinham sido postos em viaturas, não foram encontrados no regresso, e tiveram de ser substituídos.

Esses extravios não se dariam, se cada unidade pudesse transportar seu material em um caminhão, que lhe pertencesse.

O esquadrão não levou senão 2 kgs. de forragem por cavallo e um só dia de viveres de reserva por homem, em consequencia de um retardo na chegada das viaturas de reabastecimento. A nutrição dos homens foi mais ou menos assegurada pelos habitantes de Ham, que a obtiveram nas conservas recebidas do reabastecimento americano e que haviam occulto durante a occupação allemã. Quanto aos cavallos, os 2 kilos de forragem transportados lhes foram dados na jornada de 10 de Março e nos dois dias seguintes não foi possível achar mais de 200 kgs. de aveia e 50 de farello em Saint Sulpice.

A ração dada a 20 e 21 de Março não passou, pois, de 1 kg. de aveia e 0,5 de farello por cavallo por dia.

Em compensação, os cavallos tiveram todas as noites palha á vontade. Durante o dia, nada, nem mesmo agua, o territorio estando devastado. E, no entanto, os cavallos reuniram-se ao regimento a 22 de Março em estado ainda realmente muito bom, e, graças á carga alliviada, sem o menor ferimento no lombo.

III

Os resultados obtidos — Conclusões

Os resultados obtidos pelo esquadrão de descoberta durante esses tres dias foram dos mais interessantes.

Em resumo, a 19 elle retomava o contacto perdido pela infantaria e as indicações dos habitantes lhe forneciam as primeiras informações sobre a situação do inimigo. A 20, elle se via successivamente barrar por um inimigo forte na estrada directa de Saint Quentin, depois no valle do Somme, a sudoeste dessa cidade, não podendo determinar precisamente a occupação da região a oeste. A 21, a execução da operação prescripta pelo general commandante da 1.ª D. C. lhe permitio confirmar sua informação da vespera, no que se referia ao valle do Somme e seus reconhecimentos lhe forneceram os esclarecimentos, que elle desejava, sobre a situação

a oeste e noroeste de Saint Quentin. Um cidadão lhe trazia, além disso, indicações que, amparadas com as informações obtidas durante os dois dias ultimos, lhe permittiram estabelecer com precisão o traçado de uma posição allemã na região em que ella tinha ordem de operar em descoberta.

A' vista do que expuzemos no inicio deste estudo quanto á situação geral, é facil apreciar os serviços que prestou essa unidade ao commando: primeiramente, notemos que esse reconhecimento e, sobretudo, os que operaram á direita, para Jussy e Saint Simon (esquadrão Gravereau) forneceram a tempo sobre o estado do inimigo informações que permittiram affastar rapidamente a idéa de uma perseguição de unidades desorganizadas.

Por isso, a 1.^a D. C. operou, não em exploração, mas principalmente como cavallaria de corpo de exercito e de divisão. Vimos, de facto, o esquadrão do 1.^o de Couraceiros por varias vezes em contacto com o 13.^o de Hussards (cavallaria de corpo do X.^o C. E.). Era, então, um papel de cobertura do exercito em sua progressão e sua instalação deante da posição inimiga, que lhe havia sido fixado pelo commando desde 18 e que lhe foi confirmado.

Resolvida essa primeira questão, os pontos mais importantes a determinar, dissemos nós, eram a amplitude do recuo inimigo e a occupação da linha «Hindenburg».

O interesse, que ligava o commando a essa informação, resalta das instrucções que elle deu e nós temos uma prova na ordem do general commandante do III Exercito, datada de 20 de Março, da qual extrahimos o topico seguinte:

«A 1.^a D. C. continuará sua missão entre Somme e Oise, até que a questão da occupação da linha «Hindenburg» pelos allemães seja esclarecida».

Ora, na tarde de 20 de Março, pôde-se affirmar que a situação estava bem nitida na região de St. Quentin, onde acabamos de seguir as operações do esquadrão de descoberta da II Brigada de Couraceiros. Dando conta das resistencias encontradas na frente Francilly—Selency—bois de Savy—estrada N.^o n. 30—côta 90—Fontaine-les-Clercs—Serancourt-le-Grand, o capitão Gallon não podia fazer mais claramente resaltar que o inimigo, que até então havia recuado sem combater, se preparava para disputar-nos, a partir dessa linha, as immediações da posição «Hindenburg».

E, de facto, foi sómente a 24 de Março que Serancourt-le-Grand foi arrebatado por um ataque que nos levou sobre a frente Savy—Gibencourt. Foi a 1 de Abril que o bosque de Savy cahio aos golpes das tropas britannicas e sómente a 4 de Abril que, depois de havermos arrebatado na vespera o obstaculo de Dallon, Giffecourt e Cerizy, nós nos estabelecemos effectivamente em face da posição inimiga sobre a frente Grugier—Urvillers—Moy.

Nos sectores visinhos, os reconhecimentos de cavallaria tinham operado da mesma maneira, mas se detiveram muito mais cedo deante de sérias resistencias na linha Tergnier—Jussy—St. Simon.

Assim, o commando conheceu rapidamente a situação e as intenções do inimigo. Pôde, em consequencia, fazer progredir rapidamente as tropas em uma zona em que a segurança estava realisada e montar sua manobra.

Essas possibilidades lhe foram proporcionadas por sua cavallaria, que elle havia conservado em condições de lhe prestar serviços quando a chamasse e que justificou essa confiança, preenchendo integralmente a missão que lhe foi dada. Diremos mesmo que, no caso particular estudado, a cavallaria era a unica arma que lhe podia dar rapidamente e exactamente as informações de que elle precisava.

Vimos, de facto, a preço de que difficuldades um unico esquadrão, aligeirado, conseguira vencer os diferentes obstaculos semeados pelo inimigo para retardar essa perseguição.

Assignalemos, além disso, que um grupo de autos-canhões, destacados em apoio dessa unidade, não pôde transpôr o canal do Somme em Ham senão no momento em que o esquadrão terminou sua missão!

Isto é a reflectir por aquelles que admittem destacamentos de contacto formados por elementos ligeiros transportados em automovel.

E' fóra de duvida que, no dia em que nossos meios de investigação forem revirados nas estradas, a tactica adversa consistirá, antes de tudo, na destruição das vias de communicação.

No que concerne aos carros, sua rapidez parece dever ser realisada incessantemente pela adaptação de um jogo de rodas que lhes permittam marchar na estrada como vehiculos automoveis ordinarios, não utilizando a marcha a *chenille* senão no momento

de acção. Mas, «sós, elles não podem explorar, reconhecer, guardar o contacto: sós, elles não podem perseguir, isto é, avançar no desconhecido e ahí manter-se». E elles têm no canhão um adversario que póde tornar seu emprego precario.

A aviação, que não se serve do sólo, é um meio de reconhecimento de primeira ordem, que tem a possibilidade de trazer photographias dos pontos, que lhes forem fixados. Ella permite ao commando «desvendar» as grandes linhas de uma situação, mas não obtem por si só senão informações insufficientes: Não póde substituir a cavallaria.

Se o inimigo toma precauções, realisa seus movimentos á noite. ella não tem mais do que um rendimento extremamente fraco e é incapaz, sempre, de fornecer sobre a ordem de batalha adversa informações que só póde proporcionar a captura de prisioneiros; finalmente, ella tem de contar com as condições atmosphericas e, no caso que estamos estudando particularmente, não se mencionam suas operações, porque o tempo foi, de facto, máo (neve) e apenas 4 aviões allemães voejaram sobre o esquadrão a 21 de Março em Roupy e, na volta, a oeste de Douchy, 2 aviões britannicos.

Longe de nós, entretanto, a idéa de combater ou menospresar meios que, ao contra-

rio, trazem á arma de informação um auxilio particularmente efficaz.

Em summa, sem tentar vaticinar o que se póde produzir em um futuro mais ou menos proximo, e que nos póde pôr em presença de aperfeiçoamentos ainda mais consideraveis, que aquellos que temos sob os olhos, que previmos, é preciso reconhecer que, se os engenhos mechanicos são actualmente para nossas unidades um precioso auxiliar, a machina não poderá ainda substituir completamente o homem; primeiro, porque ella é impotente em certas circumstancias, como as que mostramos e que são circumstancias de guerra que podemos reencontrar amanhã; depois, porque, mesmo nas melhores condições, ella está sujeita a «pannes» que impedem a quem a conduz de cumprir sua missão.

Por isso, apesar do seu fraco rendimento em relação a uma machina collocada em condições, que permittam seu emprego, o homem, em geral, e, no caso da investigação, que nos occupa, o cavalleiro em particular, fica esse meio com o qual se póde contar em todas as circumstancias. E isso porque o coração de um soldado de alma bem formada não tem «panne» e porque é com os corações que se ganham as batalhas.

Escola de tiro para a Artilharia de Costa

Um bom numero de artilheiros, preocupa-se neste momento, com o estudo de sua arma, tal a evolução e progressos ultimamente notados em relação quer á construcção do material quer ao emprego tactico. Os ensinamentos da ultima guerra são de facto numerosos em se tratando de artilharia. Entretanto, reduzido é o grupo que pensa na A. C.

Não vejo razão para tal desanimo, porque, si attrahente é a artilharia de campanha, a de costa, na actualidade progride a olhos vistos e, tomando em consideração o que se passa nos Estados Unidos, paiz que, em materia de artilharia de costa, indiscutivelmente conseguiu realizar um progresso extraordinario em relação aos paizes europeus, podemos concluir do seu importantissimo papel. Ella empolgou a mocidade militar americana com a qual conseguiu a constituição de um corpo de officiaes de elite.

A proposito das exigencias do R/I/Q/T e referentes á instrucção dos quadros, tive oportunidade de assistir a uma conferencia feita por um 1º tenente, que é aliás um estudioso official, na qual, combateu com certo ardor as idéas dominantes acerca da desmontagem dos canhões que guarnecem o Forte da Lage.

Incontestavelmente, pelo lado technico e visando o moderno armamento com que neste momento são dotados os navios, a razão de ser do Forte em questão, como elemento de ruptura, deixa de ser apreciavel.

Entretanto, o conferencista opinava pela desmontagem e retirada apenas dos canhões de 240^m/m, que seriam collocados em um outro ponto da costa, emquanto que, o restante material seria conservado (3 torres de 75^m/m e 1 cupola de 150^m/m), no sentido de tornar a obra um elemento protector de um campo minado.

Como artilheiro, que procura estudar com interesse os assumptos inherentes á arma, concordo em parte com o official em questão, isto é, com a conservação da obra, divergindo todavia quanto á nova funcção a dar ao Forte. Pelo lado da protecção de um campo minado é discutível a sua conservação e tal fosse a zona do campo creado, seu raio de acção etc., porém, em relação á conservação da obra, não se póde discutir. Uma nação que atravessa uma crise financeira tão séria como a actual (e que aliás convulsiona o mundo), não pode pensar em desmontar um forte, pela simples razão de que os seus canhões estão envelhecidos de cerca de 30 annos. Encarando a questão desse modo, surge logo a pergunta muito natural: **COMO APROVEITAR O FORTE E DELLE TIRAR O MAXIMO RENDIMENTO PRATICO?**

Aqui vai a minha opinião que, certa ou não, representa uma modestissima contribuição para minha arma. Do que mais se resente neste momento a artilharia de costa é a falta de uma *Escola de tiro*! Eis o que penso do destino, sem duvida muito nobre, a dar á *Lage*. Os artilheiros precisam atirar muitissimo e justamente é o que muito pouco se faz na A. C. e justificadamente porque um tiro de grosso calibre, representa uma somma respeitavel e um gasto vultuoso, entrando em conta com a vida dos canhões.

O material da *Lage* está velho de cerca de 30 annos, então, antes que o seu envelhecimento augmente muito mais, tratemos de transformal-o em elemento de estudo para os artilheiros de costa.

A Escola de tiro propriamente falando nenhuma despesa traria com o seu funcionamento, porque, ella exigiria os elementos seguintes:

- a) Um posto telemetrico;
- b) Um holophote;
- c) T. S. F. e Telephonia S. F.;
- d) Um posto de signalisação optica.

Todos os elementos já existem aqui nos Sectores. Para o primeiro, isto é, o posto telemetrico, seria empregado o do Forte de São Luiz; o holophote, seria o de Santa-Cruz ou o do Forte de Imbuhy; a T. S. F., existe em todos os fortes; da telephonia S. F., foram feitas excellentes experiencias que agradaram muito e finalmente um posto de signalisação é cousa facil de montar pelas proprias unidades.

Os officiaes dos Sectores de Leste e Oeste, seriam obrigados uma vez por semana, a

resolver um thema de tiro. O posto de Commando installado com mais propriedade no Forte de São Luiz, com um posto de observação tambem ahi organizado. No exercicio, seriam occupados dois officiaes, um commandante da bateria, o qual, restaria na *Lage*, na sua torre de commando, neste momento ligada telephonicamente com suas torres e cupolas e o outro receberia o thema em São Luiz, onde determinaria todos os elementos do tiro que transmittiria, pelos meios postos a sua disposição ao official da *Lage*.

Todos os officiaes subalternos dos Sectores passariam pelo commando das torres de 75^m/m e das cupolas de 150^m/m e 240^m/m.

Os capitães, durante o curso, seriam em cada thema justamente empregados, um no commando da *Lage* e outro resolvendo o thema no posto de commando em São Luiz.

Depois de todos os capitães praticarem nas duas funcções, seriam elles encarregados de dirigir o cuso dos subalternos, que então passariam a resolver themas e commandar o Forte. Todos os officiaes de artilharia de costa ficariam conhecedores do funcionamento hydraulico do forte couraçado.

Os officiaes, salvo os que tivessem as funcções de commando na *Lage*, reunir-se-iam em São Luiz, onde auxiliariam o official incumbido do thema, quer como observadores quer no registro dos tiros.

Desde os primeiros exercicios, os alvos sempre collocados num raio de acção batido pelos canhões do Forte, seriam dotados de dispositivos que permittissem o seu movimento embora sem direcção. No caso do encarecimento dos alvos, pelo facto de serem accionados por um dispositivo qualquer, no minimo seriam collocados « á matroca » participando do movimento das correntes marinhas ou do vento. Nunca o emprego do alvo fixo (ilhas, etc.).

A Escola, funcionando sómente em um dia da semana, poderá atirar em media 10 tiros por peça de grosso calibre. Isto representaria um consumo de 20 tiros de 240^m/m, 20 de 150^m/m e 60 de 75^m/m.

Si o curso durasse dois mezes, a munição em paíões, asseguraria uma existencia para á Escola de cerca de 5 annos. Esgotada a velha munição do Forte, os resultados collidos seriam por força muito apreciaveis e restaria ainda á velha fortificação o nobre papel de Escola de tiro, com a montagem de outros canhões envelhecidos, porém não usados e o nosso Arsenal de Guerra que já fabrica projectis de exercicios para os ca-

nhões de 75^m/m, possivelmente poderá fabricá-los para os de outros calibres.

Assim aproveitado o Forte, a Escola teria o seu funcionamento assegurado e a officialidade da A. C. uma boa aprendizagem.

Uma guarnição de velhos artilheiros engajados e reengajados, completaria a Escola, que nestas condições teria que funcionar com um pessoal habilitado e profundamente conhecedor do material.

São idéas geraes, cujos detalhes seriam facilmente assentados.

O conjunto da Escola constituido pela propria officialidade dos dois Sectores, te-

ria como director tecnico e instructor, um official superior da artilharia de costa (Sector ou Inspeção) ou mesmo um dos commandantes de Sectores.

Eis o que penso do novo destino á dar a historica «Ratier», uma das mais velhas fortificações do Brazil, hoje conhecida como *Forte da Lage* e cuja reconstrucção data de 1905.

Rio, 10 —8—923.

Cap. FRANCISCO FONSECA.

Do Forte da Lage

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

Combate de Iatahy-Corá

Uma columna paraguaya, composta de 2 batalhões de infantaria e alguma cavallaria, atacou a 10 de julho um batalhão argentino denominado *Catamarca*, que occupava posição em Iatahy-Corá, segundo lhe fôra determinado pelo commando em chefe alliado, mas foi facilmente repellida.

Voltando, porém, á carga no dia seguinte, os paraguayos atacaram aquella posição avançada, travando renhido combate com o batalhão argentino que a guarnecia e que ainda dessa vez conseguiu obter positivas vantagens, neutralizando os planos dos atacantes.

Essa pequena acção, apesar de sua pouca importância, ficou conhecida na historia pelo nome de combate da Iatahy-Corá, razão pela qual a mencionamos.

Simple escaramuça, sem alcance militar de valor apreciavel, custou á acção, entretanto, 200 mortos e 400 feridos aos paraguayos e 207 baixas, entre mortos e feridos, aos argentinos.

Os paraguayos foram ahi commandados pelos generaes Díaz e Elizardo Aquino e os argentinos pelo general Paunero.

Combate do Boqueirão



Mal assumira o commando do exercito brasileiro, coube logo ao general Polydoro um terrivel baptismo de sangue.

Os paraguayos haviam construido uma poderosa trincheira á esquerda do exercito brasileiro, com o objectivo manifesto de atacá-lo de revés.

Era preciso providenciar a respeito e, para isso, foi ordenado o ataque á posição, avançando na noite de 15 o general Guilherme de Souza, á frente de 8 batalhões, 1 bateria de 4 canhões de campanha e 1 destamento de engenharia. Já durante a noite começara o contacto com os paraguayos,

Tinham elles occupado admiravel posição, encoberta por espesso bosque e immenso banhado, apresentando apenas duas entradas por dois *boqueirões*, ambos protegidos por trincheiras e fossos adrede construidos.

Ao romper do dia 16, o general Guilherme de Souza avançou mais ainda, travando-se uma lucta excepcionalmente encarniçada, as tropas brasileiras conquistando, afinal, a posição, mediante uma carga violenta de bayoneta.

A's 11 horas, o exercito argentino investio pela direita, sem encontrar resistencia, todos esperando desse movimento a derrota prompta do adversario, que se concentrou na esquerda, proseguindo a peleja com encarniçamento.

Entretanto, sem que nada o justificasse, o general em chefe mandou retroceder o exercito argentino. O general Menna Barreto, com sua brigada, procurou avançar pelo porteiro Pires, mas esse movimento não foi possível, porque o terreno não o permittio. A's 9 horas da noite, quando já exaustas as tropas em lucta, avançou como reforço, com 5 batalhões da divisão do general Victorino Monteiro e 4 batalhões argentinos, o coronel Conesa, que desde logo teve de enfrentar os paraguayos, até que estes, por volta das 10 1/2 horas da noite, cessaram os ataques ás trincheiras e arrefeceram o bombardeio; os alliados conseguindo ficar senhores da posição.

Perderam os brasileiros nessa refrega 1.900 homens, entre mortos e feridos, o adversario devendo ter soffrido uma perda equivalente.

Tomada da trincheira de Carapá

Pela manhã de 18, os alliados decidiram levar a effeito um reconhecimento na direcção das mattas para as quaes os paraguayos haviam refluído no combate anterior.

Mal, porém, os generaes Victorino e Flores iniciaram a referida operação, o commandante em chefe lhes ordenou o ataque ás novas posições inimigas.

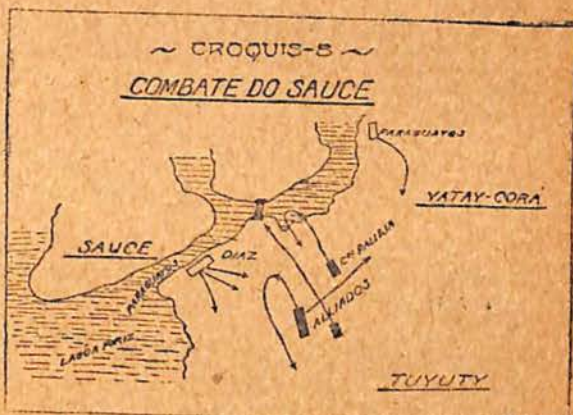
Cumprindo a ordem, o general Victorino, com o 5.º e 21.º batalhões, avançou para agir em ligação com a 3.ª divisão argentina, commandada pelo coronel Cezario Dominguez e que era auxiliada pelo batalhão oriental *Independencia* e pelo 16.º de voluntarios brasileiros, enquanto o tenente-coronel Salustiano, com o 2.º de linha e o 30.º de voluntarios, avançava para outro lado.

O batalhão oriental *Florida*, sob o commando do coronel Palleja, atacou a frente do adversario, que, das mattas em que se encontrava occulto, respondeu com terrivel fuzilaria.

Resolvida a carga a bayoneta, os alliados rapidamente conseguiram desalojar o adversario, occupando a chamada trincheira *Carapá*, cuja defesa fôra feita pelo major paraguayo Marcellino Coronel.

Os paraguayos ahi dexaram 7 canhões, calibre 12, e passaram a agir então na trincheira da extrema direita, no sitio denominado Sauce, para onde a lucta se transferio.

Combate do Sauce



As trincheiras da extrema direita, como dissemos, passaram a constituir o objectivo dos allianos, que para ahi convergiram seus esforços.

Os paraguayos activaram o bombardeio. A principio, apenas 2 canhões brasileiros puderam responder ao canhoneio adversario, mas depois 8 outros entraram em acção, apesar da escassez do espaço disponível, preparando-se, então, o assalto, de execução aliás muito difficil, porque a fuzilaria inimiga tornara-se ahi de uma efficacia excepcional. Contudo, os alliados não desanimaram.

O coronel Palleja, á frente do batalhão *Florida*, pediu reforço para iniciar o assalto e este lhe foi proporcionado pelo 15.º de voluntarios e 7.º de infantaria brasileiros.

Em seguida, os alliados avançaram, mas foram repellidos pelo fogo mortifero com que os recebeu o adversario.

Renovando, porém, o ataque, um contingente do batalhão de engenheiros, avançando resolutamente, conseguiu entulhar grande parte do fôso, por onde afinal, á custa de ingentes sacrificios, os alliados puderam in-

vestir contra as trincheiras, penetrando no baluarte inimigo.

Este, porém, embora recuando, sustentou a luta encarniçadamente, recebendo pouco depois um reforço das tres armas, graças ao qual pôde augmentar a terrivel resistencia.

Os alliados se viram na dura contingencia de ceder parte do terreno já conquistado, mas o general Polydoro Jordão ordenou o avanço do 2.º corpo de caçadores a cavallo, desmontado, o que alliás pouco adeantou, visto como o adversario era continuamente reforçado, augmentando o seu fôgo.

A luta assumio então proporções extraordinarias, os alliados sendo dizimados violentamente na refrega.

O general Diaz, á frente do adversario, mandou reforçar as tropas repellidos das trincheiras e em seguida impellio contra os alliados o 6.º, 7.º, 12.º, 13.º, 36.º e 40.º batalhões, protegidos pelo regimento n. 21 de cavallaria, tropas essas que, ainda novamente reforçadas, travaram um mortifero duello á arma branca.

Além disso, o marechal Solano Lopez ordenou o avanço de 1.800 cavallerianos contra a direita dos alliados, que, tendo á frente os majores argentinos Ayalla e Mansilla, formaram quadrado, rechassando energicamente a impetuosa carga inimiga.

Pouco depois renovada a terrivel carga de cavallaria, apoiada então por um batalhão de infantaria, ainda os alliados conseguiram repellil-a com brilho.

Mas afinal exhaustos, com uma inferioridade numerica consideravel e sem a esperanza do concurso necessario de novos esforços em vão pedidos, os alliados resolveram a retirada, realisando a delicada operação com grande exito, graças á bravura com que dois batalhões brasileiros conseguiram deter a columna organisaada pelo inimigo para a perseguição projectada.

Os alliados conseguiram assim recolher-se ás trincheiras *Carapá*, depois de consideraveis perdas: 4.621 baixas, entre as quaes 3.622 de brasileiros.

Foi morto nesse combate o bravo coronel Palleja e ferido o general Victorino Monteiro, ficando ainda fóra de combate 332 officiaes, sendo 261 brasileiros, 59 argentinos e 12 uruguayos.

Os paraguayos perderam o general Aquino e o major Marcellino Coronel, mortos, além de outros officiaes e grande numero de soldados.

Considerações

As tres acções, respectivamente denominadas combates de Iatahy-Corá, Boqueirão e Sauce, que tantas vidas preciosas custaram aos alliados, foram cansequeencia da inacção imperdoavel do general Mitre, que olvidou por completo que sem perseguição immediata e a fundo toda victoria é falha e incompleta.

De facto, após a batalha de 24 de Maio, em que os paraguayos soffreram um grande revés, todos esperavam que o general em chefe ordenasse o avanço geral para Humaytá.

Conduzir-se differentemente não seria commetter sómente um grave êrro; seria tambem perpetrar um grande crime!

Mas, desgraçadamente, tal crime se consumou!

De 24 de Maio a 10 de julho, os alliados estiveram na mais lamentavel inacção, nutrindo apenas um canhoneio frouxo e realisando escaramuças que nada adeantavam e bem pouco condiziam com a capacidade militar de um chefe que assumira o commando de tropas numerosas e pertencentes a tres nações amigas ou pelo menos, igualmente interessadas na campanha.

Foi em consequencia desse facto que o general Manoel Luiz Osorio, desgostoso, passou o commando de suas tropas ao general Polydoro Jordão, recolhendo-se ao Brasil, em 15 de Julho.

Os paraguayos, não obstante incansaveis nas surpresas e demais operações da pequena guerra, jámais demonstraram certa arte, limitando-se a ataques frontaes, d'onde o insuccesso fatal a que estavam condemnados, se bem que os alliados não raro os imitassem.

No combate do Boqueirão, como dissemos anteriormente, a ordem de retirada ás tropas argentinas, dada pelo commando em chefe, sem causa alguma que a justificasse licitamente, constituiu um verdadeiro desastre para os alliados, como se vio.

Em consequencia dessa ordem, a tomada da posição teve de ser feita com sacrificios exagerados, apesar do grande pavôr que tinham os paraguayos pelas nossas terriveis cergas de bayoneta.

Mais uma vez reproduziram-se os ataques frontaes apenas, preconceito que se inveterára no espirito dos belligerantes da época.

Assim foi que o general Mitre annulára o acertado movimento do exercito argentino, quando elle procurava avançar pela direita dos paraguayos.

No ataque ás trincheiras Carapá, já os aliados se houveram com mais habilidade, pois que, enquanto o batalhão *Florida* realisava o ataque frontal, o general Victorino e o coronel Dominguez levaram a effeito um ataque contornante, graças ao qual os paraguayos não se puderam manter nas posições, concentrando-se, então, na extrema direita das trincheiras.

O combate do Sauce foi uma acção puramente frontal, dahi resultando um desperdicio grande de energias de parte a parte, sem resultado apreciavel.

Apenas, já no final da lucta, os paraguayos empregaram o reforço de cavallaria em um ataque á direita dos aliados, mas

foram mal succedidos porque, no caso, o que se impunha era um ataque ao flanco, cujo successo seria certo.

A prova está em que os simples quadrados formados pelas tropas dos majores Ayalla e Mansilla annullaram por completo todas as probalidades de exito do adversario.

Felizmente para os alliados, os paraguayos tambem abusavam dos ataques frontaes, o que nos induz á suppôr que desconheciam ainda as preciosas lições de guerra tão claramente escriptas nas paginas da historia pelo maior dos capitães modernos, Napoleão Bonaparte.

Cap. NILO VAL

Factos & Notas

CURSOS DE ACCESSO (França)

Na França funcionam presentemente varios cursos para proporcionarem aos officiaes o preparo necessario para que fiquem em condições de bem instruirem e commandarem, tactica e administrativamente, as unidades correspondentes ao posto de accesso.

Os cursos para o accesso aos postos de major, tenente-coronel ou coronel — comprehendem: um preparatorio, commum ao pessoal de todas as armas e dirigido por um general; cursos theoricos e praticos especiaes a cada arma, sob a direcção dos chefes directores das escolas e centros de instrucção de cada especialidade.

O programma do curso commum se desenvolve dentro do quadro de Divisão, em vista do emprego das differentes armas, para o accesso a major, e no do corpo do exercito para os tenentes-coroneis e coroneis.

O programma consigna um estagio de tres semanas em Versailles, de 16 de Abril a 5 de Maio para os cursos de major, de 11 a 30 de Junho para tenente-coronel e coronel, e um periodo de pratica de duas semanas no acampamento de La Courtine, de 7 a 19 de

Maio para major e de 2 a 13 de Julho para tenente-coronel e coronel.

Ha ainda os cursos para capitães.

Os de infantaria tem por fim preparar o candidato para o commando, instrucção e administração de uma companhia, quer na paz, quer na guerra, e um batalhão no combate. Duram 7 semanas em Versailles, 1 em Chalons e 3 para exercicios de esquadra (12 de Abril a 7 de Julho).

Os de artilharia funcionam em Bitche e em Poitiers (22 de Maio a 13 de Julho) e preparam para o commando da bateria.

Ha ainda os cursos para capitães de cavallaria, de unidades de carros de assalto e aeronautica.

O EXERCITO BRITANICO

Da revista allemã *Wissen und Wehr*, de Novembro passado:

«O Reino Unido da Gran Bretanha tem uma superficie de 315.000 km.² e uma população approximada de 47 milhões de habitantes.

O Exercito Britannico é formado pelo exercito regular e pelo exercito territorial.

O effectivo de paz do exercito regular é de mais ou menos 15.000 officiaes e 186.097

praças, isto é, 0,4 % da população das ilhas britannicas. A estes se juntarão 3.000 officiaes e 81.200 homens das tropas indianas e mais 55.673 homens pertencentes aos serviços do exercito, de modo que o effectivo total de paz ascende a 18.000 officiaes e 323.000 inferiores e soldados.

O *exercito territorial* tem actualmente um effectivo de 160.000 homens, mas o effectivo que deve ter realmente é de 13.100 officiaes 210.000 homens, formando 14 divisões de infantaria e 1 de cavallaria (*Ieomanry*).

O rei é o commandante supremo do exercito, mas exerce o *commando supremo*, de accordo com a Constituição, por intermedio do Ministro da Guerra, que deverá ser membro do Parlamento, e, por consequencia, raras vezes é official do Exercito.

A autoridade superior é o Ministerio da Guerra (*War Office*), uma de cujas secções é o Estado-Maior-General, á cuja testa se acha o «Chefe do Estado-Maior-General Imperial».

O Reino Unido está dividido em 7 districtos militares e o districto de Londres, cada um delles ás ordens de um general-commandante.

O *exercito regular* consta de 6 divisões de infantaria e 5 brigadas de cavallaria e tropas especiaes.

Quanto á *organisação de paz das divisões de infantaria*, parece que ainda não se chegou a accordo definitivo.

Antes da guerra, a D. I. se compunha de: 3 brigadas de infantaria, a 4 batalhões cada uma, estes a 4 companhias e 1 pelotão de metralhadoras, 1 esquadrão, 3 grupos de canhões de campanha a 3 baterias de 6 peças, 1 grupo de obuzes ligeiros de campanha, de 3 baterias a 6 peças, 1 bateria de canhões pesados e tropas especiaes.

De accordo com as experiencias de guerra, se modificará essa organisação e provavelmente será ella semelhante á da divisão mobilisada.

A divisão mobilisada terá provavelmente a seguinte organisação: 3 brigadas de infantaria a 4 batalhões de 4 companhias; cada companhia conta com 8 metralhadoras leves (Lewis); em cada batalhão ha desde o tempo de paz 1 pelotão de metralhadoras com 8 metralhadoras pesadas (Vickers) e 1 secção de lança-minas leves com 2 lança-minas leves; cada brigada de infantaria tem

1 companhia de lanças-minas. Além disso, a divisão mobilisada tem 1 batalhão de metralhadoras a 4 companhias, 1 batalhão de sapadores de infantaria, 1 esquadrão, 2 grupos de artilharia de campanha cada um a 2 baterias de canhões e 1 bateria de obuzes de campanha, 1 grupo de lanças-minas a 2 baterias de 6 lanças-minas médios, 1 companhia de estafetas, columnas e trens.

Não enquadradas na divisão se acham toda a artilharia pesada e as formações especiaes.

O *batalhão* é a unidade na infantaria. A expressão *regimento* só existe para fim de substituição.

A *brigada de cavallaria* consta, em tempo de paz, de 3 regimentos a 3 esquadrões cada um.

O *corpo de tanks* consta de 6 batalhões, inclusive 1 batalhão de instrucção e 1 de deposito, e 12 companhias independentes de tanks, 1 companhia independente no territorio do Rheno e 2 grupos independentes no Egypto e no Irak.

A companhia se compõe de 16 tanks.

Ao todo, ha uns 300 tanks em bom estado.

Ha 2 typos: o tank grande de 23 tons. de peso, armado de 6 metralhadoras pesadas ou 2 canhões de 5,7 cm. e 4 metralhadoras pesadas, com 8 homens de guarnição, e o tank (whippet) de 16 tons., com 1 canhão de 5,7 cm. ou 1 metralhadora pesada com 3 homens de guarnição.

As *forças aereas* britannicas dependem do Ministerio do Ar e comprehende as forças aereas militares, navaes e civis.

A unidade tactica na aviação é o *esquadrão*, que consta de 1 estado-maior e 3 secções de 6 aviões cada uma. Tres ou mais esquadrões formam uma *ala* e tres ou mais alas constituem um *grupo*.

Ao todo, ha 34 esquadrões, com mais ou menos 610 aviões em bom estado.

O effectivo das forças aereas ascende a 2.900 officiaes e 25.000 sub-officiaes e soldados.

O *armamento* da infantaria, cavallaria e sapadores consta de um fuzil Lee-Enfield de 7,7 ms., da metralhadora leve Lewis e da metralhadora pesada Vickers sobre tripode.

A artilharia divisionaria está armada de um canhão de campanha de 8,38 cm. e um obuz ligeiro de campanha de 11,75 cm. A

artilharia pesada tem canhões de 11,94 — 12,7 — 15,24 — 23,4 cm., com alguns typos de peças de grande potencia.

O orçamento de guerra para o exercito britannico, sem os exercitos coloniaes, para 1921/22 ascende a 106, 3 milhões de libras sterlinas; as despesas totaes da Gran Bretanha, para o mesmo anno, ascendiam a 1.025 milhões de libras sterlinas, em vista do que as despesas militares attingem, mais ou menos, a 1/10 da despesa total da nação.

O EXERCITO INDIO é formado por tropas nacionaes commandadas por officiaes britannicos e por tropas regulares britannicas.

O effectivo de paz do exercito da India attinge actualmente a 218.000 homens, dos quaes 70.000 são brancos.

O exercito se divide em 22 D. I. e 5 B. C., com tropas especiaes.

As unidades britannicas na India são: 57 batalhões de infantaria, 8 regimentos de cavallaria, 64 baterias de artilharia de campanha, montanha e pesada e 27 de artilharia a pé.

Em resumo: as tropas britannicas regulares, inclusive o exercito indio e as tropas que estão nas colonias, têm um effectivo total de 18.000 officiaes brancos, 323.000 sub-officiaes e soldados brancos, 6.000 officiaes de côr e 265.000 sub-officiaes e soldados de côr.

Ao todo: 24.000 officiaes e 590.000 soldados, que formam 366 batalhões, 256 esquadões, 191 baterias, no geral de 6 peças, 300 carros de assalto, 610 aviões em serviço, além das unidades que se encontram nas pequenas colonias e cujo numero não se conhece.

INSTRUÇÃO DE INFANTARIA (Allemanha)

O exercito allemão decidio que o curso do primeiro gráo da Escola de Infantaria seja feito pelos aspirantes a officiaes de todas as armas attendendo a que, familiarisados com os processos de combate de infantaria, melhor conhecerão suas necessidades.

O EXERCITO ESPANHOL

O rei é o chefe supremo das forças de terra e mar.

A administração central, a cuja frente se acha o ministro da guerra, comprehende:

1) — *O Ministro da Guerra* (um sub-secretario, o intendente general, 10 secções de armas e serviços).

2) — *O Estado-Maior Central*, sob a immediata dependencia do Ministro, se divide em 6 secções, encarregadas dos estudos relativos á organização e instrucção do exercito, bem como da preparação para a guerra.

O chefe do Estado-Maior-Central tem o posto de capitão-general e é de direito o generalissimo designado para o tempo de guerra.

3) — *O Conselho Supremo de Guerra e Marinha*, cuja organização data do seculo XVI.

É um tribunal supremo, composto de officiaes generaes de mar e terra incumbidos de julgar, em ultima instancia, todas as questões de ordem militar, tanto as que affectam ao pessoal, como as que se referem ás suas e sua interpretação.

4) — O Commandante Geral de Alabar-deiros (guarda pessoal do rei).

5) — A Direcção Geral de Carabineiros.

6) — A Direcção Geral da Guarda Civil.

7) — O Commandante Geral do Corpo de Invalidos.

8) — A Vigaria Geral de Capellania Militar.

O Exercito em paz comprehende:

1) — O exercito da peninsula.

2) — As guarnições das Baleares e Canarias.

3) — O exercito colonial de Africa.

O exercito da peninsula está repartido em 8 regiões militares, constituindo cada uma uma capitania geral.

Cada região comprehende um certo numero de provincias, que têm á sua testa um official general ou superior, com o nome de governador militar da provincia.

A lei fixou em 6 o numero de divisões de infantaria na peninsula e em 3 o das divisões de cavallaria.

A D. I. se compõe de :

- 2 brigadas de infantaria, a 2 regimentos.
- 1 regimento de artilharia ligeira.
- 1 regimento de artilharia pesada.
- 1 parque divisionario.
- 1 batalhão de sapadores.
- 1 secção de projectores.
- 1 companhia de telegraphistas.
- Unidade de intendencia e saude.

A D. C. comprehende :

- 3 brigadas de 3 regimentos.
- 1 batalhão de cyclistas.
- 1 grupo de artilharia a cavallo.
- Destacamentos de engenheiros, de intendencia e de saude.

As unidades seguintes não estão enquadadas nas divisões :

- 14 batalhões de caçadores de montanha ;
- 1 batalhão de instrucção ; 3 regimentos de infantaria de bases navaes (1) ; 1 grupo de instrucção de cavallaria ; 3 regimentos de artilharia de montanha ; 3 regimentos de artilharia de posição ; 1 grupo de artilharia de instrucção ; unidades de artilharia anteaérea ; 1 regimento de ferro-viarios ; 1 batalhão de radiotelegraphia ; 2 batalhões de aerostação ; unidades de aeronautica.

Nem todas essas unidades, entretanto, já estão organisadas.

O EXERCITO DA TURQUIA

O Exercito Nacionalista conservou a ordem ternaria adoptada desde a organização de 1900—1911.

Comprehende : 4 exercitos, 9 corpos de exercito, 25 divisões, 6 divisões depositos, 6 divisões de cavallaria.

Em principio, o exercito comprehende 2 corpos de exercito, de 3 divisões a 3 regimentos, cada uma a 3 batalhões de 3 companhias de infantaria a 3 pelotões.

A D. I. se compõe de :

- 1 batalhão de assalto.
- 3 regimentos de infantaria.
- 1 esquadrão de cavallaria.
- 1 regimento de artilharia (geralmente, 1 grupo mixto de 4 baterias, 2 grupos de campanha e 2 de montanha).
- 1 companhia de engenharia.
- 1 destacamento de ligação.

O R. I. comprehende :

- 3 companhias a 3 secções.
- 1 companhia de metralhadoras de 2 secções de 2 peças.
- 1 trem de combate.

A D. C. se compõe de 3 a 6 regimentos com algumas peças de artilharia.

Como elementos do C. E. existem :

- 1 regimento de cavallaria.
- Algumas baterias pesadas (105 e 150).
- Unidades de transporte.

Como elementos de E. : alguns batalhões de infantaria e regimento de cavallaria independente, algumas unidades de cavallaria de exercito e 2 companhias de aviação.

O segredo da guerra consiste em — *meditar* primeiramente, *decidir* com firmeza e *agir* com rapidez.

*

E' preciso ferir o adversario em um ponto vital e de surpresa.

*

Ser forte em todos os pontos é, no geral, um erro.

(1) — Cada uma das tres bases navaes deve comprehender os elementos seguintes: 1 regimento de infantaria, 1 commando de artilharia de costa, 1 companhia de sapadores de fortaleza, 1 companhia de aerostação e forças de aviação, 1 secção de intendencia e 1 secção de saude.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

- Revista de Medicina e Hygiene Militar—
(Rio)
Mannual del Ejercito de Chile—(Chile)—
Julho.
Revista del Circulo Militar (Perú)—Maio.
Manual de Infantaria (Hespanha).
Manual del Estado Mayor del Ejercito
(Colombia).
Revista Militar (Argentina)—Julho.
Revista Militar (Portugal).
Medicina Militar (Rio)—Julho.
Union Ibero-Americana (Hespanha)—
Julho.
Revista de Ingenieros Militares (Chile)—
Agosto.
Revista Maritima Brasileira (Rio).

A concepção do combate defensivo é a mesma do combate offensivo. Em ambos, a idéa *directriz* é a de *manobra*.

Expediente

São nossos agentes de annuncios nesta Capital o 1.º sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.º sargento Mariano Alcides de Castro, que estão autorizados a receberem as importancias relativas aos referidos annuncios.

As difficuldades com que lucta a Defesa Nacional, em virtude do augmento extraordinario do preço do papel e da mão de obra, leva-nos á contingencia de supprimir algumas assignaturas gratuitas e pedir aos nossos presados representantes a fineza de regularisarem quanto possivel as cobranças, com o que nos prestarão mais um inestimavel auxilio.

ANNUNCIOS

Preços por semestre :

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetições (por semestre)

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	10\$000

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de communicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despesas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte :

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSIS-
TENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organização. Os seus principaes fins são :

1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;

2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continúa em franca prosperidade ; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

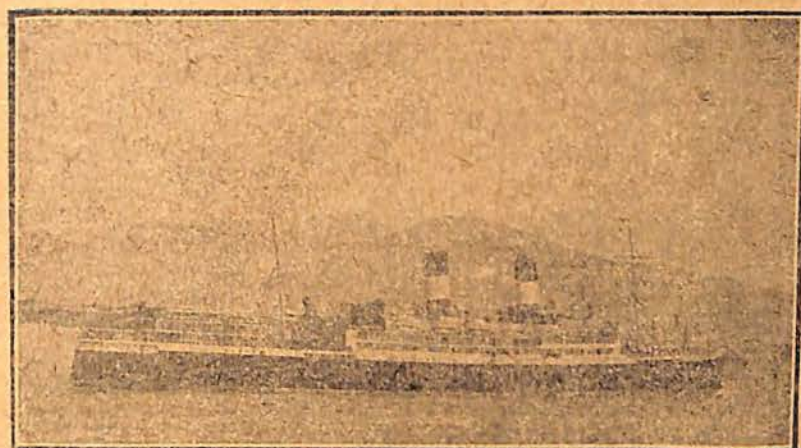
Para mais informações — dirigir se ao **Major Augusto Feliciano Pereira Pinto**, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

SOCIETÁ RIUNITE FLORIO, RUBATTINO E LLOYD ITALIANO

O rapido e lussuoso Paquete

“GIULIO CESARE”



SAHIRÁ PARA GENOVA EM 12 DE NOVEMBRO

27.000 Toneladas - Comprimento 200 metros - Quatro helices

AGENTES GERAES

“Italia — America”

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS

São Paulo

Rio de Janeiro

Santos

Rua Alvares Penteado, 43 * Avenida Rio Branco, 2, 4 e 6 * Praça da Republica, 26

Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA

Instrucção e Exercício

DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA

ORGANIZAÇÃO SANITARIA DO EXERCITO

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

CURSO FREYCINET

DIURNO E NOCTURNO — FUNDADO EM 1910

Curso de preparatorios — para os exames finais de preparatorios no Collegio Pedro II;
Curso Vestibular — para os exames vestibulares nas Escolas Superiores;
Curso de Admissão — para a matricula nos primeiro, segundo e terceiro annos do Collegio Militar, no primeiro anno do Collegio Pedro II e da Escola Normal;
Curso Complementar — para habilitar á matricula no Curso de Preparatorios;
Curso Superior — para o estudo das materias ensinadas nas Escolas Superiores;
Curso Normal — para o estudo das materias ensinadas na Escola Normal;
Curso de Revisão — para os exames de Segunda época no Collegio Pedro II e em outros Estabelecimentos de Ensino;
Curso Commercial — para habilitar ao desempenho de qualquer cargo nos Estabelecimentos Commercias e Bancarios e nas Repartições Publicas.

ENSINO GRATUITO DE DACTYLOGRAPHIA A SENHORAS E SENHORITAS

—>>>> <<<<—

Director: Dr. Sinesio de Farias

Engenheiro Militar—Doutor em Mathematica e Sciencias Physicas—Tte. Col. Lente Cathedraticeo da E. Militar

47 - RUA URUGUAYANA - 47

SOBRADO

Telephone Central 5027

RIO DE JANEIRO